

5-884

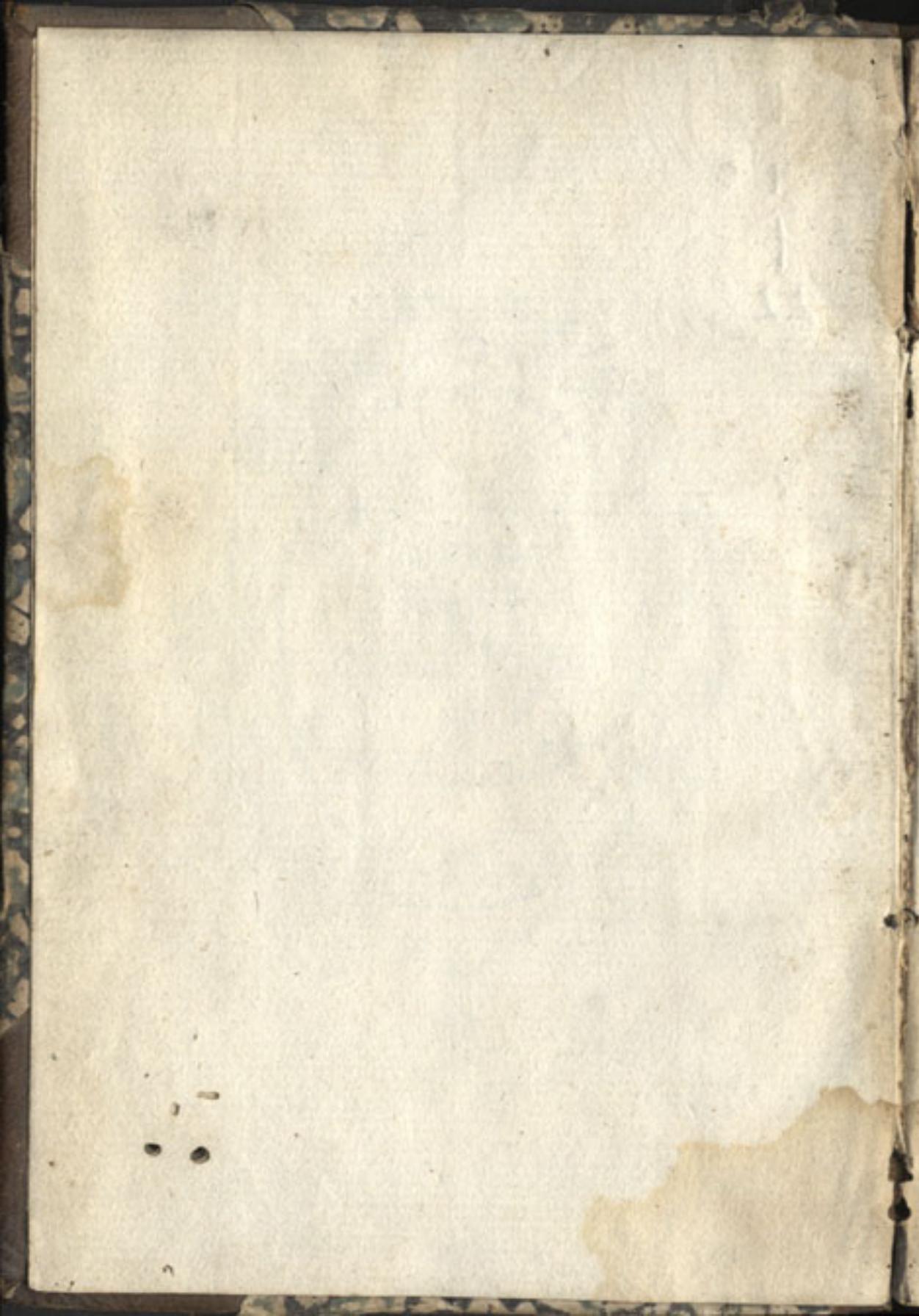
1  
4  
1  
22

1  
4  
1  
22



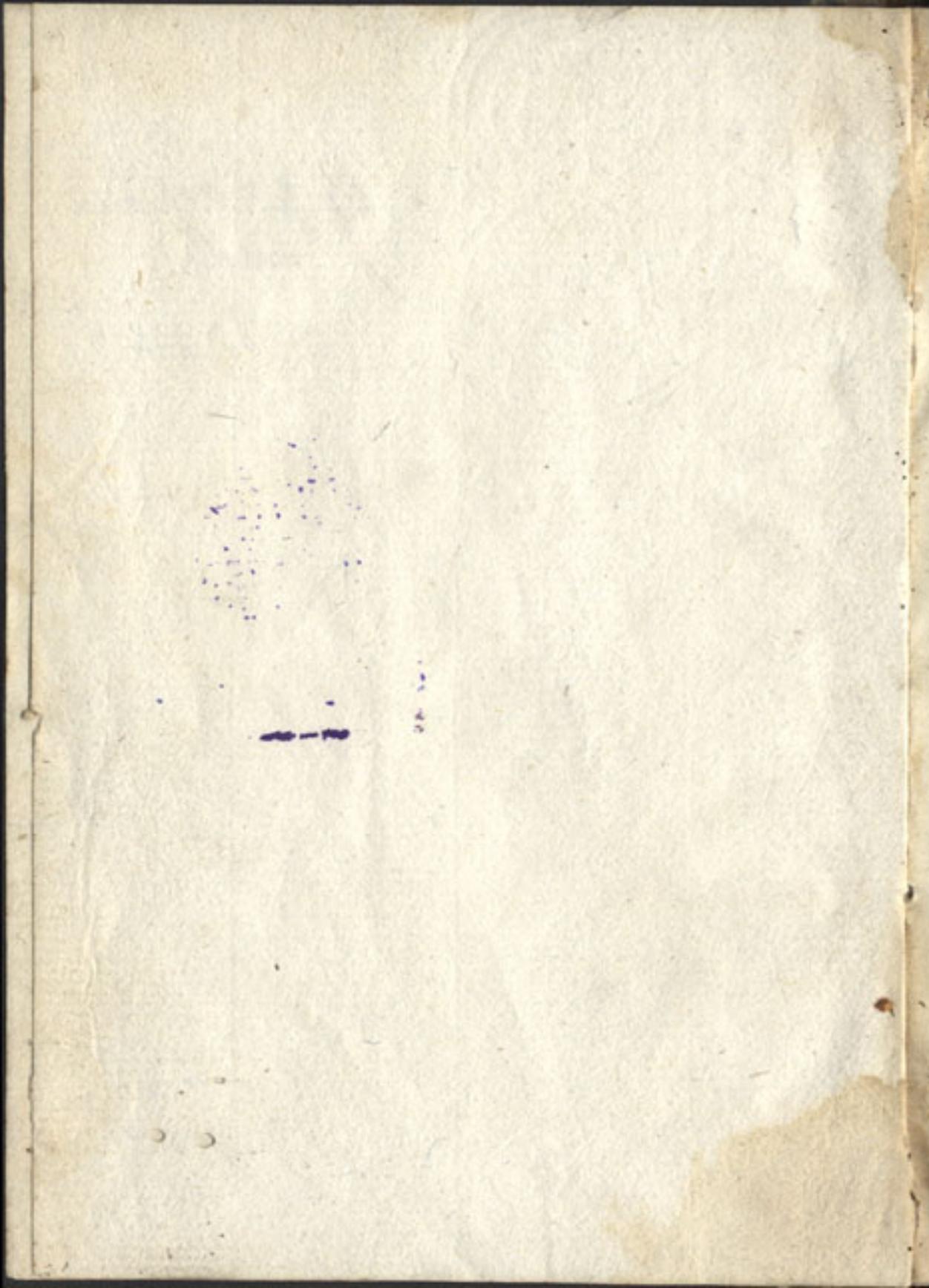
Kp1 15-2-13

1  
4  
1  
22



4 Composi  
cat

400



R I M A S  
D E  
J O A Q U I M S E V E R I N O F E R R Á S  
D E C A M P O S ,  
S Ó C I O D A A C A D E M I A  
D E  
B E L L A S L E T R A S D E L I S B O A :



3- JUN 12



L I S B O A . M . D C C . L X X X X I V .

N A O f . d e S I M ã O T H A D D E O F E R R E I R A :

*Com Licença da Real Meza da Comissão Ge-  
ral sobre o Exame e Censura dos Livros.*

*A. P. Fernandes Thomaz*

R I M A S

DE

JOAQUIM FERREIRO FERREAS  
DE CAMPOS,

SÓCIO DA ACADEMIA

DE

BELLAS LETRAS DE BRASILA



3-JUN-12



ESTADO N. DOG. LXXXIV

NA OF. ASSIMILADO FERREIRO FERREAS

Com a ordem da Real Mesa de Comandante da  
esta mesa a Real Mesa de Comandante da

*[Faint signature or stamp at the bottom of the page]*



## SONETO I.

LILIA ? Lilia ? onde estás ? Porque de Alcino  
 Aos ternissimos áis negas ouvidos ?  
 Já o lúgubre sôm dos meus gemidos  
 Teu dócil coração tornou ferino ?

Onde te occulta o barbaro Destino  
 Encanto da minha alma , e meus sentidos ;  
 Que a meus olhos de pranto amortecidos  
 Negas teu álvo rosto peregrino ?

Quem he ? Quem he , que te suspende os passos,  
 Que encher não vens esta alma de ternura ,  
 Teu corpo unindo a meus grosseiros braços ?

Mas ah ! Lilia tão bella , quanto dura ,  
 Se intentas desatar tão finos laços ,  
 Tréme do horrivel nome de perjura.

-20-

## M O T E.

*Magoados suspiros , brandas queixas.*

## S O N E T O II.

**L**ilia gentil , Pastora idolatrada ,  
De meu pranto , e meus ais cruel motora ,  
Tem compaixão de hum triste que te adora , \*  
Cuja alma existe de afflições cercada.

Não sejas , não , comigo despiedada ,  
Que he desdoiro ser bella , e ser traidora ;  
Tem parte na afflição que me devora , \*  
Lilia gentil , Pastora idolatrada.

E tu ingrata surda ao meu lamento ,  
Entregue ao meu pezar assim me deixas ,  
E vês sem dó crescer o meu tormento ?

Mas debalde a meus ais ouvidos feixas ; \*  
Que aonde fores levar-te-ha o vento  
*Magoados suspiros , brandas queixas.*

SO-

---

Este Soneto foi feito pelo Author , e por outro Socio repentinamente a dois Versos cada hum os que pertencem ao Author vão signalados com huma \*

## M O T E.

*A boca negra , os dentes amarelos.*

## S O N E T O III.

**C**ansado de chorar adormecia  
 A' sombra d'alta Faia o triste Alcino ;  
 Eis-que ante os olhos seus vê o Destino ,  
 Que com horrida voz assim dizia :

Mortal insano , em quem de dia , em dia ,  
 Cresce a vorás paixão d'Amor maligno ,  
 Sabe que intenta meu poder divino  
 Lançar-te ás garras da Desgraça impia :

Isto disse : e nos áres sibilando  
 Vejo a Desgraça c'hum tropél de Zêlos ,  
 Negra espuma das fáuces vomitando.

De pavôr se me eriçáo os cabellos ;  
 E o monstro foi no sangue meu banhado  
*A boca negra , os dentes amarelos.*

## M O T E.

*Febe no eburneo carro vem surgindo.*

## S O N E T O IV.

V Ai sepultando Fébo a luz formosa  
 Nas crespas ondas do Ceruleo Tejo;  
 De mil estrellas rutilantes vejo  
 Cobri-se a vâsta esfera luminosa.

Ver Lilia, a minha Lilia desdenhosa,  
 Oh quanto, justos Ceos, quanto desejo;  
 Beijar-lhe as fâces que lhe cõra o pejo,  
 O niveo cõllo, os lábios cõr de rõsa.

Ah! que s'eu vira do meu bem amado  
 Os lindos olhos, o semblante lindo,  
 Não acharia tão cruel meu Fado.

Mas Numes! eila me apparece rindo!  
 Mais bêlla, do que lá do már salgado  
*Febe no eburneo carro vem surgindo.*

M O T E.

*Com soquete, lanada, e botafogo.*

S O N E T O V.

**C**ercado estava Amor de mil Amores  
Na ruiva márgem do Ceruleo Téjo,  
Onde baixára com suave adejo  
A celebrar teus olhos vencedores.

Em memoria dos teus Antecessores  
Armado Amor a militar eu vejo,  
Faz o signal do público festejo  
O rouco sôm dos hórridos tambores.

Eis assestando os ferros implumados,  
Amor com voz soberba gritou logo  
Aos seus tyrannos improbos soldados:

Eia guerreiros, diz, mando, não rogo,  
Que em honra de Bivár andeis armados  
*Com soquete, lanada, e botafogo.*

## S O N E T O VI.

**O** Silencio em que jaz a Natureza  
 No mais alto da noite escura, e fria,  
 Me imprime na cansáda fantasia  
 Mil saudosas imagens de tristeza.

Tudo o que encerra a vâsta redondeza  
 A gozar de repouso principia:  
 Só eu que o cego Amor tenho por guia,  
 Côrro após os encantos da belleza.

Cheio de mil saudades penetrantes,  
 Sem ver da minha Lilia o gésto brando,  
 Envio ao Ceo suspiros incessantes.

E por ir meus pezares mitigando,  
 Nas Estrelas que vejo mais brilhantes  
 Estou seus lindos olhos contemplando.

## M O T E.

*As filhas do Mondego a morte escura.*

## S O N E T O VII.

**T** Irar Ignez do Mundo determina  
 O velho Affonso de vingança armado ; \*  
 E trez monstros cruéis co'a Morte ao lado  
 Lá correm , lá se cumpre a lei ferina.

Da bella Ignez a face peregrina , \*  
 Eis como o Sol de nuvens affrontado ;  
 Ou qual por que a ferio bicudo arado  
 Debruça o cóllo a candida bonina.

Do ausente Esposo em vão soccorro implora ; \*  
 Os olhos lhe embacea a Parca dura ,  
 Fôge carpindo Amor , que nelles móra.

E em éco transformadas na Espessura ,  
 De Ignez pranteão tristemente agora  
*As filhas do Mondego a morte escura.*

SO-

---

\* Este Soneto tambem he feito d' improviso entre o Author e outro. Os Versos do Author vão sinalados com huma \*

## M O T E.

*Pelas aureas obobedas voando.*

## S O N E T O VIII.

**E**Ntre as vágas azuis do már doirado  
 A Lacia terra Eneas demandava,  
 Em quanto Eliza o peito atravessáva \*  
 C'o lizo, Teucro ferro assacalado.

Barbaro Esposo, Esposo refalsado,  
 Nadando em sangue a misera exclamava;  
 Permitta de Néptuno a furia brava, \*  
 Que espire entre as ondas soffocado.

Disse: e de Jove a Divinal Consorte  
 Nas dolorósas préces attentando  
 Iris manda baixar da etherea Corte.

Desce: córta-lhe á vida o fio brando; \*  
 E eis o Espirito vai nas mãos da Morte  
*Pelas aureas abobedas voando.*

SO-

---

Este Soneto foi feito da mesma sorte que o antecedente.

## M O T E.

*Os magoados , lugubres accentos.*

## S O N E T O IX.

Sobre o leito da morte anciosa vejo  
 A mais linda , a mais ternã das Esposas ;  
 Eis cõr da neve as faces melindrosas ,  
 Que vezes mil avermelhãra o pejo.

Neste funesto , desditoso ensejo ,  
 Os Amores , com as Graças lacrimosas ;  
 Batendo as brancas plumas luminosas  
 Fogem dalli com pressuroso adejo.

Elmano , o triste Elmano , o afflicto Esposo  
 Dando saudosos ais aos surdos ventos ;  
 Queixa-se em vão do Fado rigoroso.

Por entre antigos Cédros corpulentos  
 Repete ao longe o éco pezaroso  
*Os magoados , lugubres accentos.*

## SONETO X.

**Q**uanntas vezes á sombra deste ulmeiro,  
 Que nas agoas do Têjo se está vendo,  
 De Lilia no regaço adormecendo  
 Bem disse o meu ditoso Cativeiro.

Mas quáo depresa o Fado lisongeiro  
 Meu prazer em pezar foi convertendo;  
 De Lilia a ingratição, oh crime horrendo!  
 Hoje levo a chorar hum dia inteiro.

Quanto illudido andei, quanto indiscreto,  
 Em crêr seus juramentos fabulózos,  
 Nascidos só d'hum apparente affecto.

Mas quem diria, oh Nnmes rigosos!  
 Que havião empregar-se em torpe objecto  
 Olhos tão meigos, olhos tão formosos.

## SONETO XI.

**J**A' tinha a meia noite anunciado  
O Gallo velador, Marilia quando  
De huma extinta fogueira ao lume brando  
Fui pela mão do cego Amor levado.

Tres verdes alcaxófras, que apanhado  
Havia quando o Sol vem despontando,  
Fui nas vermelhas brázas chammuscando,  
Assim querendo investigar meu fado.

Tres gólos d'agoa aos áres espargindo  
Comsumei o prestigio milagroso,  
Teu adoravel nome repetindo.

Mas antes que brilhasse o Sol radioso,  
Floreceem todas tres, e Amor sorrindo  
Alviceras, me diz, és venturoso.

## SONETO XII.

**R**aiosa contra a Fama, que yôava  
 Deste dia o prazer annunciando,  
 Eu vi a negra Inveja arremessando,  
 As negras serpes que nas mãos truncava;

Entre os lascados dentes retalhava  
 A venenosa lingua, rebramando;  
 E mil chammaz azuis de quando em quando,  
 Dos fascinantes olhos espalhava.

Mas nisto acceso raio crepitante  
 Lhe arremeça d' Olympo Jove irado,  
 E cahe no abysmo o monstro trepidante.

Sôa na Fama então o altivo brado:  
 Respeite o Mundo o dia almo, e brilhante;  
 D' Aónio aos faustos annos consagrado.

SO-

---

Aos Annos do Illustrissimo, e Excellentissimo  
 Senhor D. Antonio Primogenito do Excellentis-  
 simo Conde de Pombeiro.

## M O T E.

*Com medonho fragor na praia nua.*

## S O N E T O XIII.

C Ontra o furor do m'ar encapellado  
 D'Abido o Nadador se abalançava,  
 Córre á luz que por Hero lhe acenava,\*  
 Nas espumósas vagas sustentado.

Empéselhe porém Neptuno irado,  
 Que as ondas cada vez mais assanhava,  
 Vêr o mimoso objecto que adorava,\*  
 E junto a torre o lança suffocado.

Hero a quem tarda o suspirado Amante,  
 Vendo o triste cadaver, que fluctua,  
 A's vagas se arremessa delirante.

Largo tempo depois scena tão crua,\*  
 Bramindo pranteou o mar ondeante  
*Com medonho fragor na praia nua.*

SO-

---

Este Soneto tambem não he só do Author he d'improviso, e guarda a mesma regularidade dos antecedentes.

## M O T E.

*De roxas espadanas rociadas.*

## S O N E T O XIV.

**L**ongue do terno Esposo idolatrado  
 A linda Ignez passava amargos dias,  
 De cruentas saudades, e agonias  
 O debil coração assetteado.

Barbara lei d' hum Pai sevéro, e irado,  
 Dos algozes armando as mãos impias,  
 Finda do terno Esposo as alegrias,  
 E fere da Consórte o peito amado.

Recebe a triste os golpes, e cahindo,  
 Entre vozes convulsas, e truncadas  
 Morre, o nome de Pedro repetindo.

E as dóricas colunas jaspeadas,  
 Vingança da tragedia estão pedindo  
*De roxas espadanas rociadas.*

## M O T E.

*Fere-me o coração mortal saudade. —*

## S O N E T O XV.

**P**Or mais que intento pôr no esquecimento  
 Cruel Marília o nosso antigo affecto,  
 Fica frustrado sempre o meu projecto,  
 Pois deixar-te não pôde o pensamento.

Roucos suspiros dando ao surdo vento,  
 Não pôde socegar meu peito inquieto,  
 Que em toda a parte teu mimoso aspecto  
 Me está fingindo sempre Amor cruento.

Já findou meu prazer, activa pena  
 Vivo soffrendo nesta soledade,  
 A que a barbara sorte me condemna.

Os Deoses já de mim não tem piedade;  
 O ciúme as entranhas me envenena,  
*Fere-me o coração mortal saudade.*

M O T O

## SONETO XVI.

Que será isto ! As Nynfas delicadas  
 Os compridos cabellos desgrenhando !  
 Os Fannos tristes áis ao vento dando ?  
 Lyras , e Avenas pelo chão quebradas !

As melindrózas flores desmaiadas !  
 Aves sinistras horrídas grasnando !  
 E vão da negra noite a côr tomando  
 Do mánso Téjo as aguas prateadas !

Tudo respira Horror , tudo agonia !  
 Justos Ceos ! Que tragedia lacrimosa  
 Esta lúgubre scena me annuncia !

Mas lá sôa da Fama a voz queixosa :  
 Marilha o nosso bem , nossa alegria ,  
 Pagou fatal tributo á Parca irôsa.

## SONETO XVII.

**L**Ança Palemo a rêde ao Têjo undôso,  
 Que sópra o vento agora socegado;  
 E em quanto eu choro meu iniquo fado  
 Vê se pôdes colher lanço formoso.

E's pescador feliz, eu desditoso;  
 Nunca em Silvia encontrei hum terno agrado;  
 Silvia em quem empregara o meu cuidado,  
 Desde que sulco o Têjo boliçoso.

Oh! quanto he desgraçado quem se fia  
 Em vans promessas de mulher perjura,  
 Que nutre o coração de aleivosia.

Quem não conhece Amor só tem ventura;  
 Ditoso tu, Palemo, se algum dia  
 Souberes triunfar da formosura.

## SONETO XVIII.

**B**usquemos, Musa hum citio accommodado  
 Para chorar a minha desventura;  
 No centro desta funebre espessura  
 Aos astros suba nosso ingenuo brado.

Porém que monstro de furor armado  
 Ao longe vejo de horrída figura!  
 Tem feio aspecto, horrível catadura,  
 Hirto cabello, dente anavalhado!

He o Ciúme, que me pünge o peito;  
 Livra-me, Amor, do monstro sanguinoso,  
 Que tanto, e tanto estrago em mim tem feito.

Mas não me attende o Nume; oh Ceo piedoso!  
 Não cessa a causa, augmenta-se o effeito,  
 Nas garras vou morrer do monstro iroso.

## SONETO XIX.

**J**A' chega a noite pavorosa, e fria,  
 Precursôra fiel dos meus cuidados;  
 D'alta sima dos montes escarpados  
 Fugindo vai a clara luz do dia.

Lá do centro daquella penedia,  
 Que abafão altos Chôpos debruçados,  
 Soltar se ouvem os Mochos negregados  
 Canto horrivel, que estragos annuncia.

Longas horas da horrenda escuridade,  
 Se em quanto persistis, Lilia me deixa,  
 Vôai, vôai ligeiras por piedade.

Mas Cupido a meus áis ouvidos feixa;  
 E o tormentoso inferno da saudade  
 Inutil torna minha acerba queixa.

## SONETO XX.

**T**ornou Pastores a Estação viçosa ,  
 Que os prados veste de cheirosas flores ;  
 Prezos na Eólia gruta pavorosa ,  
 Jázem os frios Nótos rugidores.

Bafejão os Favonios brincadores  
 O Cravo , o Lirio , a Açucena , a Roza ;  
 E esmaltão lizas conchas de mil côres  
 Do fulvo Téjo a margem delectosa.

Como agradável vêm raiando a Aurora ,  
 Perolas refulgentes espargindo  
 No vasto império da Campéstre Flora.

Da Natureza os cófres vão-se abrindo ;  
 E até a minha Tirse encantadora  
 Se vai de nóvas graças revestindo.

## M O T E.

*As horas do prazer vôão ligeiras.*

## S O N E T O XXI.

**E**M quanto o Fado nos concede a vida  
 D'Amor doces prazeres desfrutemos,  
 A's nossas almas liberdade demos  
 De se engolfarem na amorosa lida.

Deixa temores vãos, Laura querida,  
 E já que a Sorte, quer que nos amemos  
 Vindoiros infortunios arrostemos,  
 Que o damno a hum puro amor não intimida.

Eu jurei de ser teu, tu de ser minha,  
 Promessas taes, meu Bem, são verdadeiras,  
 Guardádo Amor para te amar me tinha.

Esquivar-te á ternura, ah não, não queiras;  
 Que o tempo córre, a morte se avisinha,  
*As horas do prazer vôão ligeiras.*

*As boras do prazer vôão ligeiras.*

## SONETO XXII.

**C**oçando Córidon se encaminhava  
 D' hum Marcineiro á loge hum certo dia ;  
 E huma grossa muleta lhe pedia  
 Para arrimo da perna que mancáva.

De que a quer o Senhor ? Lhe perguntava  
 O vesgo Mestre que a encommenda ouvia ;  
 De cédro Córidon lhe respondia,  
 E hum pinto de sinal lhe appresentava.

De saia azul roupinhas de baeta  
 A mestra carunchósa, e com olheiras,  
 Que dentro o caso ouvio por huma greta ;

Sahio, e disse em tòm das Carpideiras,  
 Coitadinho tão mosso de muleta !  
*As boras do prazer vôão ligeiras.*

## M O T E.

*Valor, coração meu, mais não suspires.*

## S O N E T O XXIII.

**S**Audoso coração vôa ligeiro  
Da encantadora Tirce ao Lar sagrado,  
E a seus mimosos pés terno humilhado,  
Dirás que és seu ditoso prisioneiro.

Se a ti volvendo o rosto prazenteiro  
Te fizer c' hum sorriso affortunado,  
Repete-lhe outra vèz o suspirado  
Voto, que fiz nas Aras de Frecheiro.

Depois em premio de expressão tão pura,  
Carpindo implôra a graça de existires  
Ante a sua adorável formozura.

Mas se Tirse ordenar, que te retires,  
Beija-lhe a nivea planta, e de ternura  
*Valor, coração meu, mais não suspires.*

## SONETO XXIV. (1)

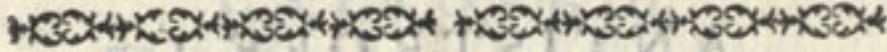
O Comprido cabello crespo, e loiro  
 Cortai, ó Graças cheias de agonia,  
 Vinde lançallo sobre a Campa fria,  
 Que encerra da belleza o mór thezoiro.

Tirai das fronte os Diademas d'oiro  
 Chorai a morte da formosa Armia,  
 Memoravel fazei tão triste dia  
 Com vosso pranto ao seculo vindoiro.

Mas não, não espalheis tristes clamores,  
 Que Armia aos Ceos vôou, aos Ceos radiósoz,  
 Entre chusma de Angelicos Cantores.

Volvi ao Ceo os olhos lacrimozos,  
 Vereis brilhar com vivos resplendores  
 Nova Estrella entre os Astros luminósoz.

(1) A morte de D. J. e F. de S. de S.  
 Condessa de Soure, publicada 1ª ed.  
 Lisboa, Typ. Manuana, 1790.  
 Paulo

  
 Ao Nascimento da S.A.R. a Serenissima Senhora  
 D. Maria Thereza Carlota Joaquina. Recitada  
 na presença de SS. AA. RR. no Palacio  
 de N. Senhora da Ajuda na Sessão de  
 26 de Junho de 1793.

## ODE PINDARICA.

### ESTROFE I.

**E**M vão cantar, ó Musa  
 Intenta a minha audácia  
 A grão dita dos Lusos portentosa,  
 Se a Lyra sonora  
 Me não prestares do Cantor da Thrácia.  
 Desce, desce piedosa,  
 Com pressuroso adejo,  
 Do hipartido monte ao fulvo Téjo;  
 Faze soar meu Cantico jucundo  
 Pelas extensas Regiões do Mundo.

## A N T I S T R O F E I.

**M**As, Ceos, onde me elevo!  
 A' Célica morada,  
 Onde gemido lúgubre não sôa  
 Meu Estro acceso vôa!  
 Eu sinto, eu sinto a mente illuminada!  
 Oh famosa Lisboa!  
 Tua excelsa ventura,  
 Mais do que em bronze, mais que em pedra dura,  
 Tem eterno padrão, padrão mais rico,  
 Nos magestosos versos que fabrico,

## E P O D O I.

**E**M cárcere profundo,  
 (Que assim da Lysia o quer o invicto Fado.)  
 Gema com cem cadêias maneado  
 O Tempo furibundo.  
 Gratos hymnos m'inspira a sãa verdade,  
 Que em seu baixel seguro  
 O Pego sulcarão da Eternidade.

## ESTROFE II.

**P**Orém que vejo, oh Numes!  
 E's tu, Lysia famosa?  
 Tu que até gorz a fronte guarneceste  
 De funebre Cipreste,  
 Cinges-te hoje de loiro gloriosa?  
 A dita que obtiveste  
 Já sei Lysia affamada!  
 Lá vejo ás tuas plantas maneatada  
 A torpe Inveja, a cauda remordendo,  
 E os fascinantes ólhos retorcendo.

## ANTISTROFE II.

**H**orrída negra chusma  
 De turbidos Cuidados,  
 Cujó halito infesto; e pestilente,  
 Myrrhava a Lusa gente,  
 Eis no tético Averno subterrados.  
 Na esfera refulgente  
 As azas desferindo,  
 A Lusitana terra vêm cobrindo  
 Risonho, perennal Contentamento;  
 Que largára de Jóve o ethereo assento.

## E P O D O II.

**M**Ais, ó Lysia, não temas,  
 (Este o Decreto que lavrou teu Fado,)

Que algum estranho, invicto braço armado  
 Te lance vis algemas.

Lá nesse Marcial Campo d'Ourique,  
 Assim foi promettido

Ao Filho invicto do famoso Henrique.

## E S T R O F E III.

**T**U, Regia Augusta Próte,  
 A quem hoje os Destinos,  
 Do tempo estragador domando a ira,  
 Na septisena Lyra,  
 Mandão que entõe sonorózos hymnos;  
 Tu és por quem respira  
 Em paz a Lusa gente;  
 Por ti a dura Guerra pestilente  
 Desce bramindo ás regiões sombrias,  
 E ao Mundo vóltão de Saturno os dias.

## ANTISTROFE III.

**M**As que vasto edificio,  
 Que tóca o firmamento,  
 He este, ó Musa, aonde me transportas!  
 Cujas brilhantes portas  
 Abre sómente o são Merecimento?  
 Mas, Ceos! tu me confortas  
 A fraca idéa obtusa!  
 Lá vejo sim, lá vejo egregia Musa,  
 Milhões d' Heroes, que nos aponta a historia:  
 He o Grão Templo da brilhante Gloria.

## E P O D O III.

**E**Ntre Nuvens d' Incenso,  
 Que embalsamando vão os limpos ares,  
 D' oiro sobre riquissimos altares,  
 Submerso em pasmo immenso,  
 Os Sanchos vejo, Affonsos, e Dinizes,  
 Que palmas gloriosas  
 Forão colher aos Libycos Paizes.

## ESTROFE IV.

**E** Is o Invicto, eis o Grande  
 Monarca arripotente,  
 Que a pezar das vinganças de Neptuno,  
 E da furiosa Juno  
 As portas franqueou do occulto Oriente,  
 Com valor opportuno  
 Calcando a Parca irosa,  
 Lá vejo a serie dos Joões famosa;  
 Entre elles todos resplendece o quarto,  
 De famosas victorias nunca farto.

## ANTISTROFE IV.

**E** Quem he este, ó Musa,  
 Que d'entre mil ruinas  
 Salva a de Ulysses fundação famosa?  
 Cujá Acção gloriosa  
 Alli gravada está por mãos divinas?  
 A imagem portentosa  
 He do Monarca augusto,  
 Do Grão José, do Soberano justo;  
 Cercado o vejo de hum clarão sublime,  
 Que respeito, e temor no Mundo imprime.

## E P O D O IV.

**M**As que scena brilhante  
 Novamente a meus olhos se offerece !  
 Da portentosa Hespanha me apparece  
 O quadro fulgorante ;  
 Nova serie d' Heroes , de Heroes famosos  
 Eu já diviso , ó Musa ,  
 Mais brilhantes que os astros luminosos.

## ESTROFE V.

**E**Is o Grande Ataulfo ,  
 Monarca venerando ,  
 Primeiro que na Hespanha o Sceptro toma ;  
 Da triunfante Roma  
 Bellicosas fajanges destroçando.  
 Alli Pelagio doma  
 Hostis cruentas furias ,  
 Das Mauras Luas nas fataes Asturias ,  
 Levando o horror , e a morte a toda a parte ,  
 Qual raio horrendo do terrivel Marte.

## ANTISTROFE III.

**D**O Catholico Affonso  
 Lá vejo a Esposa Augusta,  
 Cujó heroico valor raro, e profundo;  
 Com affombro do Mundo.  
 Inda o tostado Sarraceno assusta.  
 Eis Alonço Segundo:  
 Eis o Grande Ramiro,  
 A quem fendendo o ar em leve giro  
 Do Excelso Imperio trouxe o Grão-Tiago;  
 Ao Rei soccorro, aos barbaros estrago.

## E P O D O V.

**M**As onde, ó Musa, aonde?  
 Teu Sagrado furor meu Estro guia?  
 Queres que eu manche a gloria deste dia?  
 Ou no Pindo te esconde,  
 Ou lá tomando o Delfico Instrumento  
 Novos hymnos ordindo  
 Canta comigo o fausto Nascimento.

## ESTROFE VI.

**N**Asce na Lusa terra  
 O fruto suspirado,  
 Que o Povo ao Ceo com lagrimas pedia;  
 Ao Téjo o fausto dia  
 Vem do Prazer nas azas sustentado.  
 A Inclita Maria  
 Do Mundo a luz respira,  
 Este o motivo, sonora Lyra,  
 Porque o Grão Templo o portico franquêa;  
 E seus Altares de esplendor rodêa.

## ANTISTROFE VI.

**P**orque as aureas Estatuas  
 Se descobrem parentes;  
 Porque os marmoreos bustos magestosos  
 Dos Monarcas famosos,  
 Gloria da patria, adoração das Gentes;  
 Aos olhos lacrimosos  
 Dos miseros humanos  
 Rindo apparecem do poder dos annos;  
 Mostrando em aureos pedestaes gravados  
 Reinos vencidos, Póvos subjugados.

## E P O D O VI.

**T** Alvez que louco humano ,  
 Pense que errado , ó Musa , me gustaste ,  
 Na estrada do Grão Templo que trilhaste  
 Vedada ao Vulgo insano ;  
 Mas clame embora o Mundo ; que eu sou filho  
 Do luminoso Apollo ,  
 Do assumpto que tomei não perco o trilho.

## E S T R O F E VII.

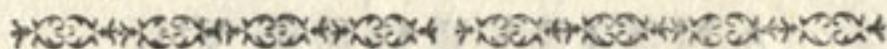
**E** Ntre os lustrosos bronzes ,  
 Que do famoso Templo  
 Enfeirão a famosa galeria ,  
 Para a immortal Maria  
 Hum novo Pedestal já lá contemplo.  
 Hum venturoso dia  
 Ao longe raiar vejo ,  
 Que enche de gloria o venerando Téjo ;  
 Nelle huma Estatua o Mundo lhe levanta ,  
 E humilhado lhe beija a excelsa planta.

## ANTISTROFE VII.

**E**Ntre a turba brilhante  
 Dos Regios Ascendentes,  
 Será gravado em marmore lustroso  
 Seu Nome glorioso,  
 Mais brilhante que os Astros reluzentes.  
 Não, meu Estro fogoso  
 As varedas não erra,  
 Por mais que suba da profana terra:  
 Rasgue-se o vêo dos Celicos Arcanos  
 E dem passagem aos versos Soberanos.

## EPODO VII.

**D**Esprega as aurcas pennis,  
 Corta, Musa veloz, com vôo ousado  
 O luminoso espaço não trilhado  
 Das Regiões serenas;  
 No volume vai lèr da eternidade,  
 Acções que potentosas,  
 Sirvão de exemplo na futura idade.



## ODE PINDARICA.

Ao Grande Affonso de Albuquerque.

### ESTROFE I.

**E** Gregia Nynfa , que do fulvo Apóllo  
 Ao lado Sacrosanto ,  
 Sôar fizestes a'hum , e n'outro pôlo  
 Do célebre Camões o immortal canto ;  
 Faze que eu possa tanto ;  
 Dá-me desta arte o dom raro , e profundo ,  
 Sôem meus versos pelo vasto Mundo.

### ANTISTROFE I.

**E** U não pertendo , qual Orfeo canôro  
 Entrar no Reino escuro ,  
 Onde sempre resoa amargo choro ;  
 Nem qual Amfion erguer Thebano muro.  
 Quero para o futuro ,  
 Que meus cadentes versos soberanos  
 A' furia escapem dos vorazes annos.

## E P O D O I.

**C**Anto as acções famosas  
 D'Albuquerque terrível, cuja gloria  
 Faz esquecer Romana, e Grega historia.  
 Vós, Nações bellicosas  
 Do Oriente, em susto inda submerso,  
 Fallai por mim aos povos do Universo.

## ESTROFE II.

**M**Usa, guiemos o baixel doirado  
 D'Ormuz á rica praia:  
 De pelouros lá vejo o ar coalhado,  
 Primeiro que Albuquerque em terra saia.  
 Esconde-se, e desmaia,  
 Entre nuvem de fumo espessa, e negra,  
 De Febo a face, que os mortaes alegra.

## ANTISTROFE II.

**A**O fuzilar da grossa artilheria  
 D' estragos, e ruínas,  
 Que em toda a parte a morte difundia,  
 Se coalhão de Nereo azuis campinas.  
 As vencedoras Quinas  
 Ledas tremulão na Européa frota:  
 Persegue a tudo o mais fatal derrota.

## E P O D O II.

**C**O' as vagas espumantes  
 Lutão Arabes, Persas derrotados,  
 Das suas proprias séttas traspassados  
 Os peitos arquejantes:  
 Qual n'outro tempo o Grão Pelaio o vira,  
 Domando de Alcamán a feróz ira. (1)

ES-

---

(1) Alcamán Capitão de 87 Mouros a quem ElRei Pelaio venceu na cova de Santa Maria, achando se os Mouros feridos das suas proprias armas. O mesmo succedeo a Affonso d' Albuquerque em Ormuz.

## ESTROFE III.

**J**A' cede á furia de Mavorte horrendo  
Ceifadim orgulhoso.

Eis a vitoria nas azas desprendendo  
Mal vibra Affonso o braço proceloso.

Mas novo emprego honroso,  
D'Ormúz, aonde nova gloria alcança,  
O faz partir nas azas da vingança.

## ANTISTROFE III.

**Q**ual sanhudo Leão, que embravecido  
Os bosques atravessa;

E quanto se lhe oppõe deixa rendido,  
Sem que da ira o fogo se arrefessa;

Tal feróz se arremessa  
Sobre Java, e Mascate o Heroe prestante;  
Lá sóbe ao Ceo a labareda ondeante.

## E P O D O III.

**Q**ue prantos! Que alaridos  
 Se ouvem por entre as crepitantes chammas?  
 Quantos cruenta Irinis não derramas  
     Estragos desabridos,  
 Nesses barbaros Póvos Indianos;  
 Entregues ao furor dos Lusitanos.

## ESTROFE IV.

**O**Nor, socotará, soar, Narlinga,  
     Ei-las agrilhoadas  
 Aos pés daquelle, que feróz se vingá,  
 De quantas já soffreo ímpias ciladas.  
     Co' as espadoas rasgadas  
 Lá vão fugindo os perfidos Malaios,  
 Do Luso Marte aos furibundos raios.

## ANTISTROFE IV.

**Q**ual rebanho medroso, que espantado  
 Das feras foge á ira,  
 Tal o barbaro Povo a medrontado  
 A's desertas Campanhas se retira.  
 Mas nova acção, ó Lyra,  
 Me faz virar a fulgurante prôa;  
 Novos triunfos vamos ver em Gôa.

## E P O D O IV.

**N**As duras alabardas  
 Lá vôa a morte a cem diversas partes;  
 Lá se aluem soberbos baluartes,  
 Das horridas bombardas  
 Ao rouco som, que faz tremer os montes,  
 E abafa em negro fumo os Horizontes.

## ESTROFE V.

**T**U soberbo Hidalcão , de infamia cheio ,  
 A teu pezar o viste ,  
 Quando nas leves azas do receio  
 Aos duros golpes , sem podôr , fugiste.  
 Largo tempo carpiste ,  
 Mas sem remedio , irreparaveis damnos ,  
 Que te causarão féros Lusitanos.

## ANTISTROFE V.

**M**As que Espectro de horrivel catadura ,  
 Pallido , e descarnado ,  
 Vibra contra Albuquerque a foice dura !  
 E's tu , ó Morte , a cujo horrendo brado  
 Treme o Mundo assustado ?  
 E's tu , és tu , que vens furtar á terra  
 O assombro do Oriente , o Herôe da guerra.

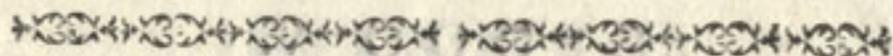
## E P O D O V.

**D**E quem vencer te soube  
 Tu, ó Gôa, carpiste a infausta morte;  
 Porém hum alto assumpro, inda mais forte,  
 A' minha Lyra coube:  
 Meus versos mandáo á futura idade  
 Dos triunfos d'Affonso a immensidade.

A's

---

Recitada na Academia de Bellas Letras de  
 Lisboa, na Sessão que em 24 de Janeiro de 1794,  
 se celebrou em memoria deste Grande General.



As' Nupcias do Illusttissimo, e Excellentis-  
simo Senhor D. Domingos de Lima  
Marquez de Niza.

## O D E S A F I C A .

**A** Pó's o tempo, que apressado vôa,  
Vibrando a curva, truculenta foice,  
Amor batendo as fulgurantes plumas  
Rápido corre.

Riso nos labios, e suor nas faces,  
Para o tyranno vocifera o Numen:  
Suspende o vôo, as longas azas fecha,  
Ouve-me, ó Tempo?

Porém o Monstro, que em ruinas ceva  
A roedora, insaciavel fome,  
D' Amor despreza com soberba os doees,  
Fervidos rogos.

O' Tempo, ó Tempo? Brada Amor carpindo,  
Desarma o braço segador dos annos,  
Ah não profanem teus estragos este  
Inclito dia.

Ao Templo, ao Templo de Hymeneo voemos ;  
 Do Illustre Lima, da gentil Nizea,  
 A's faustas Nupcias entôar se devem  
 Mellicos hymnos.

Eis nisto o velho tragador parandô  
 Toma nos braços o Menino alado,  
 Que de mil flores lhe guarnece a irtsuta,  
 Pállida fronte.

Vamos, Cupido, ao veneravel templo,  
 E junto ás Aras, que a ternura incensa,  
 Ao grande Lima, á singular Nizea  
 Canticos demos.

Disse o tyranno assolador de tudo ;  
 E sobre os ventos adejando, e rindo,  
 C'o tenro Numen ao soberbo, e Sacro  
 Portico chega.

Eis os Altares de Hymeneo sagrado ;  
 Eis mil aromas bafejando os ares ;  
 Na mão divina reverbera ardente  
 Rubido facho.

Lá vejo as Graças, a Virtude, e Gloria,  
 Que em torno gyrão dos fiéis Esposos :  
 Ei-los nas Aras proferindo o terno,  
 Candido voto.

Nos vivos olhos do Mancebo egregio  
 O doce fogo da paixão rutila;  
 E as niveas faces da gentil Donzella  
 Purpura tinge.

O Tempo a foice , mil farpões Cupido  
 No jaspeado pavimento arrojão ,  
 E junta ás Aras onde o Numen brilha  
 Curvão-se , e cantão.

Cantão louvores dos famosos Gamas ,  
 Que em fragil quilha subjungando os mares  
 Ao carrancudo Adamastor lançarão  
 Rígido freio.

Cantão louvores dos famosos Limas:  
 De Jôr soberba lá nas margens pintão ,  
 Vibrando raios , o terrível Paulo , (1)  
 Hercules d' Asia.

Já do futuro penetrada a nevoa  
 Tenros pimpolhos germinando apontão ,  
 Abençoada producção do novo  
 Thalamo excelso.

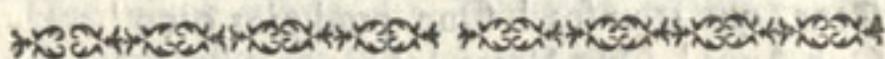
Ceos

---

(1) D. Paulo Manoel de Lima , por Antonoma-  
 zia ó Hercules d' Oriente.

Ceos, que triunfos ! Que prodigios oço !  
 Que Avós ! Que Netos ! Que braços ! A idéa  
 Além dos Astros em suave , em almo  
 Extasis vôa.



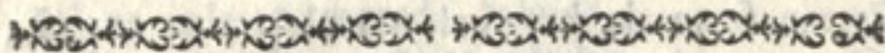


## ODE EPODAICA.

**D'** Asperrima indigencia acompanhado  
 Aqui, e alli vagando,  
 Hum só passo não dou que não tropece  
 Em afflicções, em sustos.  
 Turbão meus dias, suspirados dias,  
 Da fresca mocidade  
 Espessas nuvens d'horridos cuidados,  
 Que sobre mim vagueão.  
 Da inconstante fortuna o ledo rosto  
 Já mais meus olhos virão:  
 Sempre assaltado, sempre combatido,  
 Da desgraça me vejo.  
 A seus cruentos golpes eximir-me  
 Em vão tenho tentado.  
 Porém que estranho raio de alegria  
 O coração me fere!  
 Que ledas que douradas esperanças  
 Ao longe assomar vejo!  
 Qual a origem será deste prodigio!  
 Porém silencio, ó Musa,  
 Talvez seja ilusão da fantasia;  
 Talvez grato delirio  
 D'hum triste, d'hum afflicto, que só pensa;  
 Nos bens que ancioso anhela.  
 Mas eu, Numes celestes, não me illudo!  
 Não,

Não, não me illudo, he certo:  
 Tú sublime varão, a quem os Fados  
     Tem ao lado do Augusto,  
 Que felicita os Póvos Lusitanos,  
     A cujo leve aceno  
 Póde extinguir-se a minha desventura,  
     E meus crueis pezares:  
 Tú que prestas asylo aos desgraçados,  
     Beneficio Rebello,  
 E's quem produz as minhas esperanças.  
     Tú és, tú és quem póde,  
 Com terno coração, braço piedoso  
     Furtar-me resoluto  
 A's ímpias garras da cruenta fome.  
     Ouve as súplices vozes,  
 Que a teus ouvidos manda hum desvalido,  
     Hum triste, hum desditoso,  
 Que entre os mirrados braços da indigencia  
     Mil dias tem passado,  
 E mil funestas noites, sempre á lerta,  
     Curvado sobre os livros  
 A baça luz de moribunda véla.  
     Ouve as vozes d'hum triste,  
 Que perdendo na mais viçosa idade  
     Quem vida, e ser lhe dera,  
 Orfão se observa em desamparo extremo;  
     Sem que consolar possa  
 Na triste viuvez, na mágoa acerba,  
     A Mãi que afflicta geme;  
 E as miseras irmãas que lhe supplicão  
     O pão com pranto amargo.

A'h punjão-te meus ais , meus ais te cheguem  
Ao coração mavioso :  
Magnanimo Rebello, attende , attende  
Aos gritos da indigencia ;  
Comigo exerce as leis da humanidade ,  
Que aos mais não escasseas.  
Mas já, oh Ceos, que assombro ! Eu vejo, eu vejo,  
De meus nublados dias  
Trocar-se a horrivel lastimosa scena ;  
Meus acerbos cuidados  
Batendo as negras pennas já , já fogem ,  
Quaes passaros nocturnos ,  
Que á luz primeira , que Faethonte espalha  
Lá no fundo dos valles  
Vão nas horridas grutas sepultar-se.  
A provida Abundancia  
Com prazenteiro , angelico semblante  
Seus cofres me apresenta.  
Morda-se embora a truculenta Inveja ,  
Vendo que tú me escudas,  
Sabio Rebello , aos golpes da desgraça :  
Morda-se embora vendo  
Gravado o nome teu com letras de ouro  
No Templo da Memoria ,  
Pelas mãos das virtudes singulares ,  
Que exornão a tua alma.



A' Immaculada Conceição de Nossa Senhora.

## ODE ALCAICA.

**E**Xcelsa Virgem, Mái de Deos integra  
 Que o crime horrendo calcas intrepida,  
 Celeste graça entorna  
 Em meu engenho turbido.

Deixa, que subão aos astros nitidos  
 Em honra tua suaves canticos:  
 Dá-me tua virtude  
 Contra inimigos improbos.

Mas Ceos, que vejo! Córos Angelicos  
 Eis vem baixando da esféra lucida!  
 Ei-los de mim em torno  
 Estro me influem fervido.

Com teu auxilio, Virgem Purissima;  
 Corações impios, duros, incredulos.  
 Convencerá meu verso,  
 Que doma o tempo aligero.

Isenta foste da horrivel macula,  
 Que a prole infecta do Pai generico :  
 E's qual Çarça incombusta  
 Livre da chamma rapida.

Antes que os campos brotassem arvores,  
 Tu foste ó Virgem, Pura, e Santifica,  
 Na Mente Sacrosanta  
 Do Numen dos exercitos.

Eu ouço, eu ouço na feliz época,  
 Que o Mundo salva da culpa horrifica,  
 Ave cheia de Graça  
 Dizer-te o Nancio Celico.

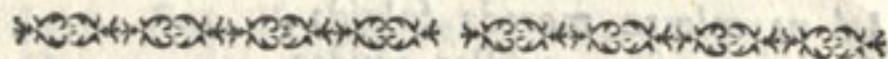
Saudou-te, ó Virgem; e á voz dulcisona  
 Tremco tres vezes o escuro Tartaro;  
 Vãos mugidos trôárão  
 Nas tetricas abobedas.

A tentadora serpente rabida  
 Morde espumando seus membros lividos,  
 Mas tu triunfante a pizas  
 De seus enganos perfidos.

Salve Maria, Virgem benefica,  
 Asylo, e amparo dos morraes miseros,  
 Que em ti encontrão ledos  
 De beneficios pélago.

Lá na celeste morada fulgida,  
Onde te crôão estrellas nitidas,  
Occupa digno throno,  
Throno de gloria, esplendida.

Volve piedosa teus olhos placidos  
Para este valle d'acervas lagrimas;  
E desta Arcadia tua  
Escuta os votos supplices.



A's Nupcias do Illustrissimo , e Excellentissimo  
Duque do Cadaval.

## O D E A L C A I C A .

**M**usa , que aos grandes , famosos Lyricos ;  
Alceo , Horacio , Tibulo , e Pindaro  
Encheste d'estro fervido ,  
Meu fraco engenho turbido  
Vem inflamar.

Faze que cheios de furor Delfico ,  
Neste brilhante dia faustissimo ,  
Meus sonoros canticos  
Lá na morada Olympica  
Vão resôar.

Eia , so'temos , canora Cithara ,  
Sublimes versos , versos harmonicos :  
As altas Nupcias Inclitas ,  
Do Grão Duque Magnanimo ,  
Vamos cantar.

Eu vejo, eu vejo nas margens humidas  
 Do fulvo Téjo mil Nynfas candidas ;  
 Que as aureas tranças fulgidas  
 Com frescas flores nitidas  
 Vem enfeitar.

Eis lhe apparecem Faunos capripedes  
 Alçando as ledas fronte cornigeras ;  
 Choréas mil esplendidas,  
 Trilhando aéas asperas,  
 Vejo traçar.

Rasgando a clara corrente undisona,  
 Em luminosa concha diafana  
 Lá vem o ondoso Jupiter :  
 Sonoros hymnos melicos  
 Lhe ouço entôar.

Em torno d'elle vejo escamigeros  
 Tritões ceruleos, monstros undivagos,  
 Que co' as bochechas tumidas  
 Torcidos buzios concavos  
 Vem a soprar.

Seguem-no anciosos na estrada liquida  
 Proteo c'os outros Deoses Maritimos ;  
 Ei-los cheios de jubilo  
 As Nupcias celeberrimas  
 Vem festejar.

Buscão ligeiros de Hymenco placido  
 O sumptuoso Templo magnifico ;  
 Já o soberbo portico  
 De rijo branco marmore  
 Os vejo entrar.

Junto ás Divinas Aras thuricremas  
 Lá vejo os caros Consortes Inclitos ;  
 Ei-los na chamma rapida  
 O voto sacro timidos  
 Lá vão prestar.

Nos vivos olhos do Heroe benefico  
 Scintilla o fogo do amor intrinseco ;  
 E as faces côr de purpura  
 Da Illustre Nynfa Angelica  
 Vejo brilhar.

Então Neptuno com voz alcisona ,  
 Largando o ferreo tridente madido ,  
 Em sonorosos canticos  
 Seus Ascendentes célebres  
 Entra a louvar.

Louva os Pereiras , guerreiros maximos ,  
 Que subjugarão mil Nações perfidas ;  
 E o grande Nuno impavido ,  
 Que a longa Hespanha , e Africa  
 Fez desmaiar.

Louva os famosos Melos intrepidos  
 Do feroz Marte filhos indormitos,  
 Que além da Zona torrida  
 As Lusas Quinas tremulas  
 Forão alçar.

Dos Luxemburgos Varões fortissimos  
 Canta as façanhas d'antigos seculos,  
 Que a mão do Tempo esqualida  
 Já mais com furia acerrima  
 Ha de abafar.

Condes, Marquezes, Duques, e Principes;  
 Imperadores, Reis invictissimos,  
 No breve raro epitome  
 De sua Estirpe válida  
 Lhe ouço contar.

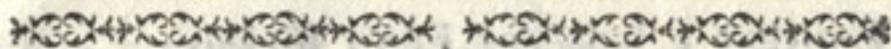
Mas, Ceos, que escuto! Que voz insolita  
 De meus ouvidos penetra o tympano!  
 He o Numen fatidico;  
 Que o alto futuro incognito  
 Vem aclarar.

Mimosos frutos do excelso Thalamo  
 Já nos aponta regendo Exercitos;  
 Outros em Náos veligeras  
 Por entre os Notos rispídos  
 Arando o Mar.

Outros despidos do furor bellico ,  
 A molle inercia calcando impavidos ,  
 Com superior espirito  
 Raras sciencias celicas  
 Fazem lustrar.

Rasgão mil vivas os ares limpidos  
 Que são trémulos na jaspea abobeda :  
 Choroso incenso arabico  
 Nos preciosos thuribulos  
 Se ouve estalar.

Suspende , ó Musa , teus vôos rapidos :  
 Basta amainemos as velas concavas ,  
 Que já da esfera lucida  
 Meu pensamento altivolo  
 Sinto baixar.



Ao Principe Nosso Senhor.

ODE A LCAICA.

**M** Usa , busquemos com vôo rapido ,  
 A's Regias Plantas do affavel Principe ,  
 Grato , seguro asylo  
 Contra a desgraça horrifica.

Seu Braço augusto , Peito benefico ,  
 Livrar-me pôdem da féra rabida ,  
 Que abrindo as crueis fauces  
 Quer engolir-me soffrega.

Vamos pintar-lhe com vozes fervidas ,  
 De meus trabalhos a scena lugubre ;  
 Vamos que Elle risonho  
 Me ouve com rosto placido.

Qual naufragante , que o lenho concavo  
 Vendo submerso nas ondas tumidas ,  
 Aos Ceos as mãos erguendo  
 Verte copiosas lagrimas.

Entregue á furia dos Euros ftigidos,  
Que uivão raivosos nos ares turbidos,  
Tragar espera a morte  
Com o elemento liquido.)

Tal eu me vejo com rosto pállido,  
Sem que insoffrido no mar horrisono  
Exponha a fragil vida  
Cheio de ambição sordida.

Já mais meus olhos, de chorar languidos,  
A vêr chegarão o rosto fulgido,  
Da fortuna que tanto  
Buscão os homens miseros.

Entre milhares de afflicções horridas  
A vida passo triste, e frenetico,  
Já como allivio espero  
A dura morte gelida.

Tu és quem pôde, Inelito Principe,  
C'hum leve aceno dar-me o antidoto,  
D'asquerosa indigencia  
Contra o veneno livido.

Tu és quem pôde livrar-me intrepido  
Das impias garras da fome asperrima,  
Que as entranhas me rasga,  
Qual Serpente escamigera.

Antes cercado de Leões, viboras,  
 De mosqueados Tigres indómitos,  
 Senhor, quizera ver-me,  
 Que ver-me pobre inválido.

Talvez nas brenhas encontrasse arvóres,  
 Que me livrassem das feras rabidas:  
 He raro entre os humanos  
 Hum coração benefico.

D'homens avaros, torpes, malevolos,  
 Sempre abundantes forão os Seculos;  
 Muito mais entre o vicio  
 Brilha a Virtude esplendida,

Tu, que afferrolhas em negro carcere  
 Immundos vicios com grilhões asperos,  
 Tendo em pouco a grandeza  
 Do regio throno esplendido:

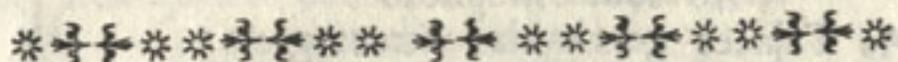
Faze que eu livre dos dentes avidos,  
 Sanguinolentos da sorte barbara,  
 Por ti favorecido  
 Viva alegre, e pacifico.

Não com famosos obliscos publicos,  
 De metaes ricos, ou rijo marmore,  
 Se livrará teu Nome  
 Da cruel furia d'Atropos:

Bronzes, estatuas, marmores rigidos,  
A dura foice do Tempo esqualido  
Lança do Esquecimento  
No turvo, fundo pélagos.

Só podem versos, co' influxo Delfico ;  
Fazer teu Nome no Mundo célebre :  
Tudo o mais finaliza  
Em pavorosos Tumulos.





Aos Annos da Senhora D. Maria Antonia.

CANTATA.

**M**Ais veloz do que o raio crepitante,  
 Rasgando a azul esfera,  
 Desce Cupido á deleitosa margem  
 Do crystallino Téjo.  
 Em vez da eburnea aljava,  
 Que prenhe sempre traz d'hervados ferros  
 Hum cheiroso festão de lindas flores  
 Ao lado lhe pendia.  
 De Goivos, Lyrios, Cravos, e Açucenas,  
 Linda grinalda a fronte lhe adornava,  
 E na dextra mimosa,  
 Que mais que a neve alveja, outra se via  
 De pudibundas rosas;  
 Na sinistra huma tuba segurava  
 De metal coruscante.  
 Sobre a lucida arêa,  
 Fechando as niveas azas poisa o Numen,  
 Com gésto affogueado;  
 E apenas lança os olhos scintillantes  
 Pelas desertas margens  
 Emboca a tuba de oiro sonora,  
 Que rebomba nos concavos rochedos.

Ao som estrepitoso  
 As Tajades gentís das vitreas grutas  
 Alvorçadas correm ;  
 E o Padte Téjo na corrente undosa  
 Alegre resurgindo , ergue a nevada  
 Gotejante cabeça.

Dos mais visinhos bosques  
 Faunos , Driades , Satyros , Napeas ,  
 O Idalio Numen cereáo de improviso ,  
 E nelle os olhos avidos fitando  
 Humildes lhe supplicáo  
 Lhe expresse a causa de alegrias tantas.  
 Entáo Cupido a doce voz alçando

Alegre assim lhe falla :

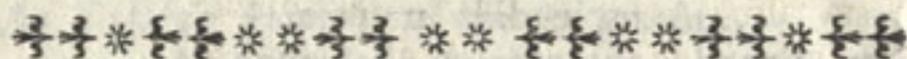
„ He hoje , he hoje o dia  
 „ Em que Marília , a singular Marília  
 „ Annos ditosos conta.  
 „ O Tempo estragador das formosuras ,  
 „ Que as penhas gasta , que arruina os bronzes,  
 „ De mando meu a adora ,  
 „ E a seus pés encurvado  
 „ Depõem a torta , devastante foice ,  
 „ E humilde , e respeitoso  
 „ De seus ímpios estragos a preserva.  
 „ Esta grinalda de purpureas rosas  
 „ Vou ajustar-lhe na mimosa fronte ,  
 „ Pois que seus meigos , engraçados olhos  
 „ Mais livres corações me tem rendido  
 „ Que meus buidos ferros.  
 „ Vós , Tajades gentís , Napeas , Faunos ,  
 „ Louvores entôai , erguei altares  
 „ Em honra deste dia ;

„ Em

„ Em quanto eu busco de Marilia bella  
 „ A esplendida morada,  
 Isto dizendo aos ares se abalança ;  
 E a chusma prazenteira  
 Em honra de Marilia  
 Este sonoro canto alegre entôa.

## A R I A.

Marilia bella  
 Mais engraçada,  
 Que a fresca Aurora  
 Auri-rosada.  
 Sempre guardada  
 Sejas Pastora  
 Da turbadora  
 Tristeza horrivel,  
 E do terrivel  
 Cruel desgosto  
 O feio rosto  
 Nunca divizes ;  
 Horas felizes,  
 Gostos supernos  
 Goza contente,  
 Nos braços ternos  
 Do meigo Amor.



## O APARTAMENTO

**L**ilia, Lilia, onde vais? Detém-te, ó Lilia,  
 Torna a meus braços, por piedade torna:  
 Vê se te apartas, que a minha alma deixa  
 O fraco asylo de meu debil corpo.  
 Não partas, Lilia, não, detém-te, espera,  
 Espera hum pouco por piedade, ó Lilia:  
 Deixa primeiro, já que assim te ausentas  
 Tocar de novo teus mimosos labios;  
 Deixa primeiro, que eu exhale afflicto  
 A' tua mesma vista o fraco alento.

Mas Ceos! Lilia, tu choras?  
 Teu alvo cóllo de afflicção arqueja!  
 Tu suspiras tambem como eu suspiro?  
 Sentes acaso, ó Lilia, o mesmo effeito,  
 Barbaro effeito, que a minha alma sente?  
 Sentes a mesma dor ingente, e acerba,  
 Que o fragil coração me despedaça?  
 Sentes, oh Lilia, sentes, que os teus olhos,  
 Divinos olhos não me são traidores.  
 As lagrimas que vertes são nascidas  
 Da cruel afflicção, que alma te punge.  
 Em vão, ó Lilia, em vão pertende o Fado  
 Os laços desatar, que a ti me prendem,  
 Só hum meio achará, a morte, a morte.

Viver , Lilia , sem ti não pôde esta alma ,  
 Esta alma , que se nutre unicamente  
 Da gloria de te ver , e de adorar-te.

Mas que discorro , ó Lilia !

He forçoso deixar-te , em vão pertendo ,

Fazer que se revogue

O Decreto fatal do meu Destino.

Ao teu , ao teu socego ,

Que eu te deixe convém , convém que eu morra.

Oh Lei ! oh Lei tyranna !

Barbara Lei da asperrima Indigencia ,

Que meus passos pesquisa , que me segue ,

Qual a teimosa inseparavel sombra.

Asperrima Indigencia , que lançado

Me tens n'hum vasto abysmo de desgraças ,

Foge , foge a meus olhos , monstro horrivel ,

Mais cruel , mais feroz , que todos quantos

Ululando persistem

No vasto seio do profundo Averno.

Amavel branda Lilia , se não fossem

Os pezados grilhões , que arrastro afflicto

Da misera pobreza ;

Se a meus olhos chorosos se mostrasse

A erratica Fortuna a vez primeira

Com semblante risonho ,

Já mais dos braços meus te apartarias.

Então , então , ó Lilia ,

Mais alegre , e feliz , que os homens todos

Em placido socego

Eu contigo passara o curto resto

De meus saudosos , malfadados dias ,

Que assim ditosos forão.

Então , então , oh Lilia , eu disfructára ,  
 Sem remorsos , sem sustos , sem cuidados ,  
 O nectar de teus labios , a doçura  
 Das tuas expressões , dos teus carinhos ,  
 Capazes de abrandar marpezas róchas.

Então , então , oh Lilia ,  
 Me viras triunfar das vís cabalás ,  
 Das sordidas intrigas , que fomentáo  
 Os pérfidos amigos , que me cercáo.  
 Viras fugir de nós , rangendo os dentes  
 A descarnada , macilenta Inveja.

Viras , ó Lilia , finalmente aquelles ,  
 Que o nosso amor crimináo ,  
 Que blasfemáo de ti , que te injuriáo ,  
 Pela fé que me guardas , pelo extremo  
 Do teu constante amor , amor mais puro ,  
 Que a luz do claro Sol , que nos rodêa ,  
 Curvados a teus pés perdáo pedindo ,  
 Dos perpetrados crimes.

Viras , ó Lilia , viras . . . . mas aonde ?  
 Aonde foste , ó Lilia ?

Já aos meus olhos te escapaste ? oh Numes !  
 Oh Numes suspendei-a !

Suspendei os seus passos pressurosos ,  
 E alentos me prestai para que a siga.  
 Eu vou , eu vou , oh Lilia , em vão pertendem  
 Arrancar-me cõntigo a infausta vida ;  
 Teus passos seguirei , té ao sepulcro ;  
 Morrerei , morrerei , mas nos teus braços.



## MADRIGAL.

**G**yrão em torno de Gertruria bella  
 As Graças, e os Amores;  
 Não ha entre os Pastores,  
 Hum só que deixe de chorar por ella.  
 Mas seu esquivo peito,  
 Sem conhecer o mal, que ao mundo ha feito,  
 E em ludibrio da cega Divindade  
 Disfruta liberdade:  
 Vingança Amor, vingança desta ingrara,  
 Que sem sentir Amor, d'amores mata.



## III.

Os terros, e solícitos Pastores  
 Seu gado abandonando,  
 Lindas grinaldas de cheirosas flores  
 Os vejo fabricando.  
 E as delicadas Tajedes formosas  
 Nas arêas mimosas  
 Do crystallino Téjo  
 Engraçadas corêas traçar vejo.

## IV.

Té oiço, ó Ceos! dos Arcades famosos  
 Sôar as aureas Lyras!  
 Brotão flores os prados deleitosos,  
 Suspende o vento as iras.  
 Da fresca cima do elevado Pindo,  
 As azas desferindo  
 Vôão as Musas bellas,  
 Mais brilhantes, que as nitidas estrellas.

## V.

Sobre este alegre prado vem descendo  
 As Donzellas mimosas;  
 Já os limpídos ares vão fendendo  
 Canções harmoniosas.  
 Attónitos correr vejo os Pastores  
 Cingidos d'Era, e flores.  
 Ah meu Francelio caro,  
 Tu obras hoje este prodigio raro.

## VI.

Graças aos Ceos , Francelio ; que tornaste  
 A' nossa Companhia ,  
 A Saudade cruel , que nos deixaste  
 Naquelle infausto dia ,  
 Aos nossos ledos olhos vai fugindo.  
 A Inveja está carpindo  
 Raivosa praguejando  
 No triste alvergue os membros retalhando.

## VII.

Hoje comtigo torna a paz doirada  
 Aos nossos ledos prados ;  
 Já segura andará tua manada  
 Dos lobos esfaimados.  
 Ah , que se vir de lá , mais cedo alcanças ,  
 Aquellas duas mansas  
 Ovelhinhas cinzentas ,  
 Não findarão do Lobo ás mãos cruentas.

## VIII.

Depois que destes Campos deleitosos ,  
 Francelio , te partiste ,  
 Só de sinistros mochos pavorosos ,  
 Se ouvia o canto triste.  
 Punhão por terra os furiosos ventos  
 Carvalhos corpulentos.  
 E o Téjo encapellado  
 Corria estrepitoso ao mar salgado.

## IX.

A melindrosa Alcida desgrenhando  
 Os doirados cabellos ,  
 Andava amargo pranto derramando  
 Dos lindos olhos bellos.  
 Transmalhados sem guarda os seus Cordeiros  
 Nos ingremes oiteiros ,  
 Taes balidos soltavão ,  
 Que os valles , montes , penhas , apiedavão.

## X.

Perdida a nivea côr do lindo rosto ,  
 Pintado se lhe via  
 Nas macilentas faces o desgosto ,  
 Que o peito lhe pungia :  
 Vagando sempre em lugubres retiros ,  
 Dava roucos suspiros  
 A' brenha , escura , e fria ,  
 Que saudosamente o éco repetia.

## XI.

Pelas margens das fontes , que fervendo  
 Sahem das penhas musgosas ,  
 Pastores se não vião , que tangendo  
 As frautas sonoras  
 Cantassem do seu Bem , dos seus Amores.  
 Só funestos clamores  
 Pelos prados se ouvião  
 Que o nome de Francelio repetião.

## XII.

Pelos troncos dos Cedros entalhados,  
Vi funestos Letreiros:

- „ Vai-se Francelio, a gloria destes prados:  
„ Saudosos Pegureiros,  
„ Deixai as brandas Lyras penduradas  
„ Nas arvores copadas,  
„ Que do vento impellidas,  
„ Somente soltarão vozes sentidas. „

## XIII.

Eis nestes campos a Discordia assoma  
Batendo as negras azas,  
Irsuta a negra viperina coma,  
Os vesgos olhos brazas.  
A doce Paz vai dentre nós fugindo  
Aos altos Ceos subindo;  
Entre os tristes Pastores  
Tudo são dissensões, guerras, furores.

## XIV.

Porém graças aos Ceos, cessou hum dia  
Tão lastimoso effeito:  
Francelio, tu nos trazes alegria  
Em teu candido peito.  
Torna a descer do Olympo a Paz ditosa  
Em nuvem côr de rosa,  
Foge a Discordia ao vèlla,  
A si mesmo este monstro se debella.

## XV.

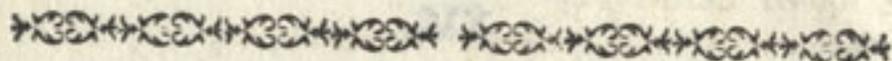
Toma, Francelio, a Cithara canora,  
E os magos sons lhe tira:  
Então o brando verso, que namora  
Ao Nume, que os inspira;  
Verás surgir as Tajedes divinas  
Nas margens crystallinas;  
E os alados Cantores  
Occultos responderem d'entre as flores.

## XVI.

Canta d'Alcida o nome suspirado,  
Olhos, e rosto lindo;  
As rubras faces, o cabelo ondado,  
De que Amor anda urdindo  
Doces prisões, com que os mortaes enlaça:  
Louva-lhe a terna Graça,  
Que tem no corpo airoso,  
As delicadas mãos, e o pé mimoso.

## XVII.

Que eu hirei a teu lado forcejando,  
Para cantar de Olaia  
As raras perfeições, e o Genio brando.  
Depois em lisa Faya  
Seus adoraveis nomes gravaremos,  
E ás estrellas veremos  
Subir seus troncos altos  
De viçosa verdura nunca faltos.



## ECLOGA PISCATORIA.

A L C I N O S Ó.

**N**A ruiva margem do ceruleo Téjo,  
 Que sonoro, e brando,  
 Por entre alvas conchinhas serpentêa;  
 Sobre a miuda arêa,  
 Junto d'hum bronco rigido penedo,  
 Das importunas ondas carcomido,  
 Em profundo silencio submergido  
 Alcino Pescador estava hum dia,  
 Nas garras d'agonia,  
 Cheio d'interna mágoa,  
 C'os olhos fitos n'agoa,  
 E entregue ao seu cuidado o pensamento,  
 D'hum Cedro corpulento,  
 Que está das claras agoas sobranceiro,  
 Ao rijo tronco, que não move o vento  
 O concavo siveiro  
 O triste Pescador tinha amarrado;  
 Mas Eólo indignado  
 Das cavernas soltando Africo, e Noto,  
 A lymfa transparente  
 Põem d'improviso em pressuroso moto.  
 A rápida corrente  
 Leva o barco boiante,  
 E o triste Pescador, que descontente,

E quasi delirante,  
 Estava em seus pezares meditando,  
 Os olhos levantando,  
 Vendo os remos quebrados  
 Co' as redes sobre as ondas misturados,  
 E o batel submergido,  
 Novamente affligido,  
 Novamente cercado de agonia,  
 D'esta arte a lamentar-se principia:

Numes, que mais quereis de hum desgraçado?  
 Que mais quereis de mim? Tendes em pouco  
 As penas que me tem Amor causado?

Estou de suspirar cançado, e rouco;  
 E aqui no meio desta praia nua  
 De pensar em meus males quasi louco.

Tres vezes tem mingoado a branca Lua,  
 Sem que á força de lagrimas saudosas  
 O meu acerbo mal se diminua.

Té deste rio as agoas bonançosas  
 Soberbas contra mim se conspirarão,  
 Sem ouvir minhas queixas lastimosas.

O meu pobre batel dismantelarão;  
 E as redes com que a vida eu grangeava  
 Naquella rócha, alli se espedaçarão.

Oh Ceo , que lhe agitaste a furia brava ,  
Dize , em que provoquei os teus furores ?  
Hum triste , hum desditoso em que te agrava ?

Barco , e redes perdi , ó Pescadores ;  
Mas que importa perdesse barco , e redes ,  
Se já Lilia me nega os seus favores .

Cruel , que em variedade ao vento excedes ,  
Ver teu semblante , mais que o Sol formoso ,  
Por que razão a quem te adora impedes ?

Ah ! senega teu peito cavilloso ,  
Os ternos votos que de amar-me ha feito ,  
Trema que falle este penhasco annosó .

Quantas vezes , ingrata , a meu respeito  
Surgiste nesta praia ? Quantas , quantas ?  
Me apertaste está mão no falso peito ?

Hoje esquecida de finezas tantas ,  
Sepultada na gruta transparente ,  
Nem á flor d' agoa o cóllo já levantas .

Já te não lembras quando ousadamente ,  
Lançando-me daquella ròcha a nado  
De coral te apanhei ramo excellente .

Quantas vezes no curvo anzol farpado ,  
Eu te guardei , ò Lilia , inda saltando ,  
O Salmonete , e o Barbo prateado .

Mas teu peito, que então me olhava brando,  
 Hoje mais duro, que huma rócha dura,  
 Zomba dos ternos ais, que estou soltando.

Ah vem, vem serenar, ó Nynfa pura,  
 Estas ondas, que ha pouco desfizerão  
 C'o meu pobre batel minha ventura.

Olha como depressa obedecêrão!  
 Só por ouvir teu nome o vento, e as agoas  
 Serenas como d'antes se pozerão.

Só não vens mitigar as minhas mágoas,  
 Barbara Lilia, Lilia deshumana;  
 Recreas-te com ver-me em tantas frágoas?

Deixa comigo já de ser tyranna;  
 E ao menos por me dares gosto hum dia,  
 Com falsas expressões meo peito engana.

Mas que me finge a errada fantasia!  
 Lilia, Lilia cruel, tu não me escutas,  
 O teu prazer he só minha agonia.

Enchem-se de piedade as féras brutas,  
 Quando o éco dos meus ternos gemidos  
 No concavo resôa dessas grutas.

E por mais que os dirija aos teus ouvidos;  
 Os rigidos penedos desta praia  
 Dão mais signaes que tu, de enternecidos.

Aqui, por vêr-te, estou como atalaia;  
 Desde as rosadas horas matutinas,  
 Té quando Febo lá no mar desmaia.

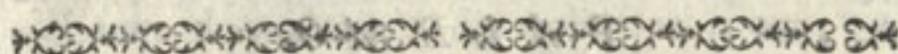
A's vezes gotejando as franças finas,  
 Me figura o desejo ao longe ver-te  
 Talhando o Mar co' as alvas mãos divinas:

Vê quanto, ó Lilia, soffro por querer-te,  
 E se comigo foras mais clemente  
 A vida dera só por não perder-te.

Mas para aqui remando brandamente  
 Lá vem hum Pescador; lá vem chegando,  
 Não quero de meu mal seja sciente.

Vou para aquella gruta caminhando,  
 Onde não chega o raio matutino;  
 E lá no centro della stispirando,  
 Abrandarei co' a morte o meu Destino.





## ECLOGA PISCATORIA II.

ALICUTO, e PALEMO.

ALICUTO.

**P**alemo, agora que o Nordeste frio  
 Com sopro mais suave, e socegado  
 Encrespa as claras agoas deste rio;

Deixando nesta rocha o barco atado,  
 Na ruiva arêa as redes estendâmos  
 Para que as enxugue o Sol doirado;

E em quanto que se enxuguem esperamos,  
 Da loira Galatêa, e meiga Olaia,  
 Nossos ternos amores cantar vamos.

Daquella gruta em torno o Téjo espraia;  
 Alli sem turbação cantar podemos,  
 Até que o loiro Sol nas ondas caia.

Eia, caro Palemo, comecemos,  
 Ao doce Amor que o peito nos inflamma  
 Mil sonorosos versos tributemos.

## P A L E M O.

Quem soffre do ciume a negra chamma,  
 Caro! Alicuto meu, cantar não pôde,  
 Continuamente lagrimas derrama.

Nem julgues possa haver quem se accommode  
 Com ciume a cantar, porque he sabido,  
 Que o ciume ao prazer de si sacode.

Já com assombro foi meu Canto ouvido;  
 Mas hoje nestas grutas pavorosas,  
 Choro os estragos, que me fez Cupido.

Do meu socego as horas preciosas,  
 Voarão no momento em que avistei  
 De Galatéa as faces melindrosas.

Escravo desde então d'Amor fiquei;  
 Quem dissera! que havia captivar-me;  
 Quem nunca obedeceo d'Amor á lei.

Pensa a cruel sómente em desprezar-me;  
 E eu vendo, que não logro os seus agrados,  
 Da propria vida chego a desgostar-me.

Daquelles dois penedos escalyados,  
 Que ao longe vês do Téjo sobranceiros,  
 E das ceruleas ondas solapados,

Se não me acode a chusma dos Barqueiros,  
Lançando-me outro dia sobre as agoas,  
Cortára á vida os fios derradeiros.

Assim findar queria as minhas mágoas  
Co' a morte, unico allivio dos amantes,  
Que soffrem do ciume as vivas frágoas.

D'ouvir os meus suspiros incessantes  
Vejo mofar os outros Pescadores,  
Porque eu delles tambem mofava d'antes.

Em fim corrido estou de ter amores;  
Desamparo, Alicuto, esta ribeira,  
Vou ver se encontro abrigo entre os Pastores.

### A L I C U T O.

Quão socegado aqui, quão sem canseira,  
Ha poucos tempos, Pescador, vivias,  
Antes de teres alma prisioneira.

Andavas sempre cheio de alegrias,  
Folgayas de ajuntar-te c' os amigos,  
Se elles cantavão, tu cantar querias.

Agora que te vês d'Amor nos prigos  
Tudo te dá pezar, tudo amargura,  
Queres fugir de nós como inimigos!

Ah deixa d'huma vez tanta loucura ;  
 Desterra o teu pezar , comigo canta ,  
 Porque não canta só quem tem ventura.

Que tu d'amor suspires , não me espanta ,  
 Porém não posso crer , que assim desprezes  
 Da Poesia o Dom , que tudo encanta.

Eu que da Sorte soffro ímpios revezes  
 Allivio na Poesia tinha achado ,  
 Não digo huma vez só , mas muitas vezes.

Em fim , Palemo , canta socegado ;  
 E vê que para ouvir teu doce canto ,  
 Parece o fulvo Têjo estar parado.

### P A L E M O .

Antes que a noite estenda o negro manto ,  
 Sómente por cumprir c'o teu desejo  
 As vozes solto , que enrouquece o pranto.

Cruel perseguidor dos Ceos , e terra ,  
 Pêrfido Amor tyranno ,  
 Que sem cessar me fazes crua guerra ;  
 Se hum anno , e outro anno ,  
 Tenho passado ao pé dos teus altares ,  
 Porque de mil pezares ,  
 De zelos , e agonias ,  
 Enches meus bruscos malfadados dias.

Quem

Quem terá mais do que eu d'Amor cantado,  
Nas margens arenosas,  
Que banha o fulvo Téjo prateado:  
Vós, Tajedes mimosas,  
Sahi das frias grutas crystallinas,  
Co' as aureas tranças finas,  
Com que me captivasteis,  
E dizei quantas vezes me escutasteis.

Pergunta Amor a bella Panopea,  
E a Silvia melindrosa,  
Se Amor não he, que occupa a minha idéa:  
Pergunta a rigorosa  
Galatéa, que a vida me roubára:  
Oh quem nunca avistára  
Seu alvo rosto bello,  
Que faz morrer d'amor, quem chega a vello,

Ah, fugi, Pescadores desgraçados,  
Desta Nymfa inclemente;  
A cujos lindos olhos suspirados  
Tem dado Amor potente,  
Poder que a todos tirão liberdades;  
As mesmas Divindades  
Se os seus encantos vissem,  
Talvez que de meus males se não rissem.

Se o meu amor, se as minhas desventuras,  
 Te não tornão piedosa,  
 Inda mais dura, do que as rochas duras,  
 E's, ó Nymfa formosa.  
 Ah tem, tem compaixão dos meus pezares;  
 Lá do fundo dos mares,  
 Que tu pões em bonança,  
 Conserva-me este raio d'esperança.

Galatêa cruel, quanto ha na terra  
 Tudo d'amor suspira;  
 Só tu me fazes deshumana guerra.  
 Em vão por ti delira  
 Meu illudido, cego pensamento;  
 Ah finda o meu tormento,  
 Deixa as vitreas moradas,  
 E aboia sobre as agoas prateadas.

O mesmo Deos d'Amor não te adorára  
 Assim como eu adoro;  
 Dotou-me o Ceo de huma constancia rara,  
 E as lagrimas que choro,  
 Nascem sómente, gentil Nymfa pura,  
 Da minha desventura;  
 Mas teu rosto mimoso,  
 Inda pôde tornar-me venturoso.

Não me desprezes não por ser grosseiro,  
 E ter as mãos calosas;  
 Que Amor fez suspirar por hum barqueiro  
 As Nymfas mais formosas.  
 Antes que fosse lá do mar Senhor  
 Glauco foi Pescador,  
 E ao trabalho do remo,  
 Foi costumado o rúde Polyfemo,

Nada mais que adorar-te, ó Nymfa bella,  
 Quer o triste Palemo,  
 Se insensível não és, sê minha estrella,  
 Que nada mais eu temo.  
 Mas já sinto gelar-se a voz no peito;  
 Alcei por teu respeito,  
 Alicuto, meu écco pezaroso,  
 Mas finde já meu canto lastimoso.

### A L I C U T O.

Tão docemente, amigo, tens cantado,  
 Que eu vejo os vivos peixes escamosos,  
 Por te ouvirem surgir do mar sálgado.

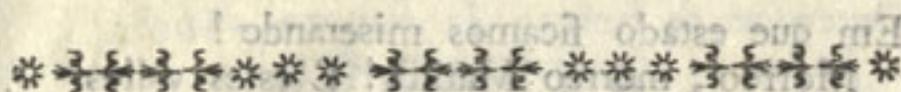
Os cantores do Téjo mais famosos,  
 Se escutassem teu canto ficarião  
 Perturbados, confusos, e invejosos.

Se eu agora cantasse, que dirião!  
 Que dirião os outros Pescadores,  
 Que em torno desta gruta nos vigião!

Não se póde melhor cantar de amores;  
 E se mais tempo nos durara o dia,  
 Eu sómente cantára os teus louvores.

Mas já de traz daquella Serrania  
 A branca Lua a frôxa luz espalha,  
 Chegando as horas vem da pescaria,  
 Vê que vasa a maré, e o barco encalha.





ECLOGA PASTORIL.

Na morte da Senhora D. Maria Antonia Correia da Gama Lobo.

BELMIRO, e ALCINO.

BELMIRO.

**Q**Uão depressa roubou a desventura,  
 Presado Alcino meu, nossa alegria;  
 Observa quanto pôde a Sorte dura!

Não vês turva correr a fonte fria!  
 As aves espalharem mêsto canto!  
 E d'atras sombras carregar-se o dia!

C'roados de Cipreste, e de Amaranto  
 Olha os nossos Pastores; olha os prados  
 Todos cubertos de funereo manto.

Vê como os frios Notos assanhados,  
 Vão dos bosques sombrios arrancando  
 Antigos Cedros, Alamos copados.

Em que estado ficamos miserando !  
 Morreo , morreo Marilia ! E estes valles  
 Comnosco a sua falta estão chorando.

## A L C I N O.

Em tão sensível perda não me falles ,  
 Pois a mágoa cruel que nos opprime ,  
 He melhor , meu Belmiro , que hoje a calles :

Como queres que a fraca lingua intime  
 Hum estrago tão grande , e memoravel ,  
 Se a voz no peito a intensa dor reprime.

Oh Ceos ! Morreo Marilia branda , amavel ,  
 Em cujos olhos era Amor patente ,  
 E na boca mimosa o riso estavel.

A todos suspirar amargamente  
 Dos rochedos no concavo se escuta  
 Allivio procurando á dor vehemente.

Tudo he mágoa , prazer ninguem desfruta ,  
 Tudo signaes nos mostra de tristeza ,  
 Té este verde prado hoje se enluta.

Sim , meu caro Belmiro , a Natureza  
 Tambem , tambem prantêa o caso triste ;  
 Tanto póde a virtude , e a singeleza.

## B E L M I R O .

Ah, meu sincero amigo, em vão resiste  
 Nossa alma á tanta pena, mil suspiros,  
 A mágoa expressem, que entre nós existe.

Mas ainda que em tão lugubres retiros,  
 Elles vaguem dispersos, e saudosos  
 Vão os ares cruzando em tortos gyros:

Não deixaremos nós de ser queixosos,  
 Pois quem se entrega a hum terno sentimento,  
 Já mais enxuga os olhos lacrimosos.

Se de jaspe hum eterno monumento  
 Erguer lhe não mandamos, seu jazigo  
 Com lágrimas reguemos cento, e cento.

Com Marilia perdemos nosso abrigo:  
 Depois que ella faltou, a voraz cheia  
 Nos campos affogou o verde trigo.

He certo que fugio da nossa Aldeia  
 A risonha alegria, e que o ribeiro  
 Já não mostra no fundo a loira areia.

Por isso he justo, amavel companheiro,  
 Que em triste metro seu louvor teçamos,  
 Eu pulso a Lyra, sólta a voz primeiro.

Ornem-se as fronte de funereos ramos;  
E junto do seu Tumulo Sagrado,  
Em triste canto pranteá-la vamos.

*A L C I N O.*

Eu sinto o brando Zéfyro parado,  
Para escutar, Belmifo, a voz cadente,  
Que encerras no teu peito magoado.

Cantemos, sim cantemos tristemente  
Ao ronco som da destemp'rada Lyra  
Sua memoria, nossa dor vehemente.

Teu doce plectro as aureas cordas fira:  
Começa tu, pois és Cantor famoso,  
A mostrar quanto a mágoa nos inspira.

*B E L M I R O.*

Oh quanto me será difficultoso,  
A Lyra aacompanhar com voz cadente,  
Inda que o canto seja pesaroso.

A saudade cruel não nos consente,  
Tamanho desaffogo a dor violenta,  
Tamanho allivio ao mal que o peito sente;

Porém se a gratidão nos representa  
A indispensavel Lei de celebrá-la,  
Cumpra-se a Lei, que a nossa mágoa augmenta;

CAN-

## CANTO.

Saudosas Nymfas desta selva umbrosa ,  
 Ajudai-me a cantar tristes endeixas ;  
 E vós , lugubres Faunos da espessura  
 Ouyi da minha Lyra as brandas queixas.

## ALCINO.

Alegres namorados passarinhos ;  
 Que d'hum em outro ramo andais saltando ,  
 Ajudai o meu canto lamentoso ,  
 Saudosa , e tristemente gorgoeando.

## BELMIRO.

Vagarosos ribeiros , claras fontes ,  
 Tristes Ciprestes , Alamos frondosos ,  
 Attendei á ternura do meu canto ,  
 Escutai meus gemidos lastimosos.

## ALCINO.

Gentís Pastoras , vossas niveas fronteas  
 Ornai de róxos Lyrios , e Açucenas ,  
 Fugi destas campinas , que Marilia  
 Tornou pizando-as flóridas , e amenas.

## BELMIRO.

Oh quantas vezes, por ouvir-te Fébo,  
Parou, bella Marilia, o carro de oiro;  
Quantas vezes as Tajedes mimosas  
Te c'roarão de rosas, mirtho, e loiro.

## ALCINO.

Oh saudade cruel! Oh dor amarga!  
E não hei-de ouvir mais a voz divina,  
Que levava apôs si as claras fontes,  
Que fazem deleitosa esta campina?

## BELMIRO.

Fugio nossa alegria; mas aonde  
Busca-la haremos! Ah, dizei Pastores?  
No prado não, que nelle amortecidas  
Vemos de todo as melindrosas flores.

## ALCINO.

Dos atrevidos Sátyros ligeiros  
Jà livres não sereis, Nymfas formosas;  
Separou-se de nós quem os fazia  
Entranhar pelas grutas pavorosas.

## B E L M I R O.

Já não te verei mais, formosa Nymfa,  
 Pelas calmosas séstas nestes prados,  
 Deixar os brandos Zéfyros suaves  
 Nos boliçosos ramos enredados.

## A L C I N O.

Jaz escondido o assombro da belleza  
 Nos horrores da fria Sepultura:  
 Eternamente, oh Ceos! entre suspiros  
 Prantaremos tão grande desventura.

## B E L M I R O.

Já que o Fado cruel, Fado inclemente,  
 Sepultou com Marilia a nossa gloria  
 Em nossos ternos corações sensiveis  
 Eterna ficara sua memoria.

## A L C I N O.

Em quanto allumiar o Sol a terra,  
 Serás por mim, ó Nymfa celebrada,  
 Se a Saudade, que fica no meu peito  
 Não congelar de todo a voz cançada.

## B E L M I R O .

As doces frautas , as sonoras Lyras  
 Deixai ternos , saudosos Pegureiros ,  
 Em memoria de falta tão sensível  
 Penduradas nos ramos dos salgueiros .

## A L C I N O .

Nos lisos troncos das soberbas Faias ,  
 Onde teu Nome alegres escrevemos ,  
 Cercados de afflicção , e de Saudade  
 Tristes chorosos versos gravaremos .

## B E L M I R O .

Mas já da rouca Lyra as frôxas cordas  
 Não posso retocar , vacilla a mão ,  
 A flebil voz no peito se congela ;  
 Desfalece o sensível coração .

## A L C I N O .

Eia , Belmiro , hum pouco descansemos ,  
 Não seja o triste som mais alternado :  
 Vamos cuidar na próvida lavoira ,  
 Guiemos aos curraes o manso gado .



Ao Senhor Francisco Joaquim Bingre.

*A grão distancia que de ti me aparta,  
A grande saudade, e o amor grande  
Mil Cartas pedem, não só esta Carta.*

Bernard. Epist. XXIV.

## EPISTOLA I.

**G**Raças aos Ceos, Francelio, que surgiste  
Do profundo lethargo em que jazias,  
Depois que destes campos te partiste!

Graças aos Ceos! Que os venturosos dias  
Da nossa antiga, candida amizade,  
Inda te lembrão nessas margens frias.

Se julgas, que os prazeres da Cidade,  
Prazeres vãos, de momentanea dura,  
Extinguido já tem minha saudade:

Enganas-te, Francelio, que a temura  
De meu peito sensível não consente,  
Que eu amizade te consagre impura.

Explica a minha voz, quanto alma sente ;

Lisonja o peito meu não contamina,

Amo-te, caro Amigo, inda que ausente.

Lá nessa fértil, placida campina,

Oh quem contigo ir viver podéra ;

Livre da infame detracção maligna.

Nos nossos campos esta horrivel féra,

Com vergonha, Francelio, eu o repito,

Em muitos corações domina, e impéra.

Da singela verdade o ingenuo grito

Jaz confundido pelo horrivel brado

D'atroz calumnia, prole do Cocyto.

Ninguém ao seu furor se tem furtado,

O que mais digno he, esse tem sido

Pelo monstro feroz mais ultrajado.

Sê tu, Francelio, a Apollo agradecido,

Por te livrar da guerra sanguinosa,

Que a Inveja contra nós tem suggerido.

Vive no claro Vouga em paz ditosa,

Que nas margens do Téjo crystallino

He raro aquelle, que essa dita goza.

E se ainda te he caro o terno Alcino,

Não queiras que elle viva sequioso,

De ouvir teu brando verso peregrino.

Teu brando verso, verso harmonioso,  
 Que mil vezes a rápida corrente  
 Suspendêra do Têjo caudaloso.

Toma, Francelio, a Cithara cadente,  
 E mostra que és do Têjo cantor grave,  
 Lá das margens do Vouga transparente.

Não reprimas no peito a voz suave,  
 Exerce as Leis da Angelica Poesia,  
 Que tem do humano coração a chave.

Aos golpes da cruel melancolia,  
 Furtar-nos sabe esta Arte encantadora,  
 Mai dos Amores, socia d'alegria.

Triste, triste de mim se ella não fora:  
 Quem me daria algum contentamento  
 No meio d'afflicção que me devora?

Das sciencias o estudo dá tormento  
 A quem muito se applica; mas esta Arte  
 Recrêa o fatigado pensamento.

Não sei por que razão queiras deixar-te  
 De compôr brandos versos sonorosos,  
 Que do insipido vulgo hão de affastar-te.

Não vês os outros Arcades famosos,  
 Belmiro, Corydon, Lereno, e Eurindo,  
 Eternizar seus nomes gloriosos?

Não vês como animosos vão subindo  
 As varedas do Pindo alcantilado,  
 Brandos, sonoros versos repetindo?

'Ah não, não queiras tu, Francelio amado,  
 Esta gloria perder, tendo já sido  
 Por grão filho de Fhebo eternizado.

Se o Delfico furor já tens perdido,  
 A beber torna da Castalia fonte  
 Nas puras agoas, que já tens bebido.

De novo te arremessa ao Sacro Monte,  
 E Fhebo que de mãos filhos se enoja,  
 Do loiro que lhe cinge a egregia fronte,  
 Vê como em honra tua se despoja.



\* \* \* \* \*

Resposta de Francelio a Alcino.

*Eu já hum novo templo te levanto  
Dentra na minha idéa onde offereço  
A teu immortal nome este meo Canto.*

Bernard. Epist.

EPISTOLA II.

**D'** Aquem do claro Vouga, que tornêa  
Brandamente correndo ao mar salgado  
Esta minha distante, e alegre Aldeã.

**A'** sombra de hum Carvalho alto sentado,  
Vertendo tristes lagrimas saudosas,  
As tuas Cartas lí, Alcino amado.

Fizerão tanta força as amorosas  
Doces expressões tuas no meu peito,  
Que as saudades senti mais rigorosas.

Nem devião fazer menos effeito  
 Os fortes versos teus, pois já com elles  
 As mais sanhudas féras tens sujeito.

Sim, Alcino, pois tu não és daquelles,  
 Que arrastados da tumida vaidade  
 Presumem debuxar melhor que Apelles,

Tu não queres censuras de amizade;  
 As obras que compões riscas mil vezes  
 Consultando a razão, e sã verdade.

Tu sabes apartar o oiro das fezes;  
 E por isso algum dia farás vulto  
 Entre os famosos Vates Portuguezes.

Cada vez vejo mais teu éstro culto  
 De pensamentos bons enriquecido;  
 E o meu cada vez mais boto, e inculto.

Porém que farei eu d'arte despido,  
 Sem ter quem me aconselhe, risque, e emende,  
 Entre grosseiros Aldeãos mettido.

Quem conversa c'os Sabios sempre aprende  
 Os seus dictames são; quem c'os Pastores,  
 Só de cousas camprestes he que entende.

Tu conversas, e vives c'os melhores,  
 E mais famosos Vates da Ulysséa,  
 Que acclamados estão por bons Cantores.

Eu sómente sentir sei nesta Aldéa  
As saudades dos meus fiéis amigos,  
Que trago escriptos na cansada idéa.

He certo que distante estou dos prigos  
D'essa Babel confusa, e que estes ares  
Não contaminão peitos inimigos.

Sem suspeitas, remorsos, ou pezares  
Aqui se vive, sempre com lisura;  
Aqui tem a Verdade os seus Altares.

O que he menos buscado da Ventura,  
Com o pouco que tem mostras alegria;  
Aqui só no meu peito ha amargura.

Passa humidia veloz, vem outro dia,  
E o tempo que nos gostos corre á pressa,  
Só nas penas demora a tyrannia.

Nem a doce cantiga com que expressa  
A Pastora fechos seus amores,  
Faz que em meu rosto allivio se conheça.

Se com tortos anzões os nadadores,  
E bolicosos peixes vou prendendo  
He por alliviar mágoas, e dores.

Só tenho algum prazer quando estou lendo  
Em Ferreira, Bernardes, e em Camões,  
Dos quaes mil desenganos vou colhendo.

Com elles me entretenho nos serões,  
Só conversar e' os Livros me dá gosto,  
Assim tomasse eu bem suas lições.

Crê-me, prezado Alcino, que o desgosto,  
Que me penetra tanto he pela falta  
De te ver, caro amigo, rosto a rosto.

Mas ah que o pranto de meus olhos salta!  
E a dolorosa íntima saudade,  
Cada vez mais me afflige, e sobressalta.

He preciso colher com brevidade  
As vélas ao discurso, antes que a Féra  
Corte com ímpia mão nossa amizade.

Se eu a meu lado, Alcino, te tivera,  
De teus sabios conselhos soccorrido  
A' razão resistencia não fizera.

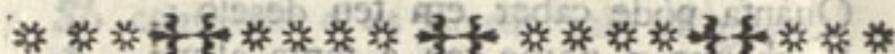
Porém que hei de fazer accommettido  
De pensamentos tristes, de cuidados  
A toda a hora sempre combatido.

Não perdões aos versos mal limados,  
Emenda, corta, risca, não attendas  
A' dor com que elles cá forão forjados.

O merecido corte não suspendas;  
Não te cegue a amizade, haja censura,  
Pois com amor não prestão as emendas.

E em tanto o Ceo te dê tanta ventura,  
 Quanta póde caber em teu desejo;  
 E chegue o nome teu a tanta altura,  
 Que sirva de brazão ao fulvo Tejo.





## EPISTOLA III.

**F**Rancelio, caro amigo, a quem o Fado  
 Sem delicto conserva ha longos dias,  
 Em lugubre masmorra afferrolhado.

Desterra de teu peito as agonias,  
 Que infunde esse lugar: e acceita agora  
 Enchentes de prazer, e de alegrias.

Se a tristeza em teu peito afflicto mora,  
 De consolo te sirva hum terno amigo,  
 Que c'os teus infortunios tambem chora.

Se não busco o prazer de estar contigo,  
 He tambem porque os Numes rigorosos  
 Me não querem prestar piedoso abrigo.

No fundo destes valles cavernosos,  
 Ferido da mais íntima Saudade,  
 Ressoão meus suspiros dolorosos.

Sem ti vivendo em negra soledade,  
 Formo contínuas, lugubres querelas,  
 Que as mesmas féras enchem de piedade.

Nem já busco o prazer das Nymfas bellas,  
Quando se mostra o curvo firmamento  
Marchetado de lucidas estrellas.

Tem da saudade o asperrimo tormento  
Transtornado os meus dias prasenteiros,  
Em negros dias de cruel lamento.

Sentado triste á sombra dos Ulmeiros  
Agora me parecem dilatados,  
Momentos que contigo erão ligeiros.

As Nymfas, e os Pastores destes prados  
Todos sabem que estás, bém que innocente;  
Na triste habitação dos desgraçados.

Todos chorão por ti amargamente;  
Nem ha hum só Pastor na nossa Aldêa;  
Que mostre co' teu mal andar contente.

A melindrosa candida Terzea,  
Depois que se affastou desses teus braços  
Nada lhe dá prazer, nada a recrêa.

Regendo afflicta, e sem destino os passos  
Anda por ti chamando em altos gritos,  
Que ouvilla o coração faz em pedaços.

Só a consola ver que sem delictos,  
Existes nesse carcere terrivel,  
Por intrigas cruéis d'homens malditos.

E ainda assim, Francelio, he impossivel,  
 Que deixe de custar a tua ausencia,  
 A quem tiver hum coração sensivel.

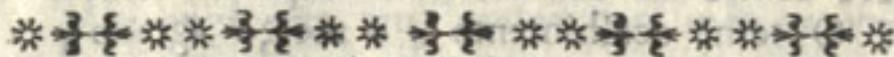
Mas não se tem c' os Fados resistencia,  
 Devemos adorar sempre humilhados  
 Os Decretos da Santa Providencia.

Se te vês confundido entre malvados,  
 Talvez que breve encontres quem se atreva  
 A quebrar-te os grilhões duros, pezados.

Da innocencia o grito aos Ceos se eleva,  
 E então vem da verdade a luz brilhante  
 Dissipar da calumnia a escura treva.

Não sejas tu qual fraco navegante,  
 Que perde o necessario, forte alento  
 Vendo turbar-se o Ceo, e o mar ondeante.

Os trabalhos requerem soffrimento;  
 Nunca perder se deve a tolerancia,  
 Seja qualquer a sorte do tormento,  
 Dos grandes corações nasce a constancia.



Ao Sr. Joaquim Franco de Araujo Freire  
Barbosa, na morte de sua Sobrinha  
a Senhora D. Maria Antonia da Gama.

EPISTOLA IV.

**A** Mavel Corydon, o terno Alcino,  
Que entre mil afflicções te considera  
Nesse golpe fatal do teu Destino.

Com rustica expressão, porém sincera,  
Te daria hum consolo na desgraça,  
Que a todos geralmente nos espera.

Mas he tão grande a dor que me traspassa,  
Que embotando-me o rude entendimento  
Explicar quanto sinto me embarassa.

Não digo seja igual o sentimento,  
Que tenho ao que tu tens, pois em tivejo  
Motivos que exacerbem teu tormento.

Mas por mais que procuro, e que forcejo,  
Por tirar da lembrança o caso triste  
Fica frustrado sempre o meu desejo.

No centro da minha alma impresso existe  
 O terno acolhimento, o meigo agrado,  
 D'essa que ao lado teu já não persiste.

Roubar-nos quiz o inexoravel Fado  
 Marilia singular, formosa, e pura,  
 Thesoiro rara vez no mundo achado.

Trocou-se o prazer nosso em amargura;  
 Amavel Corydon, forão se os dias,  
 Aquelles dias cheios de ternura.

Que transporte cruel não sentirias,  
 Ao ver as faces, por que esta alma anheia,  
 Sem o seu esplendor, lividas, frias.

Ah que de susto o sangue se congela  
 Dentro nas proprias veias, quando penso,  
 Que viste em flor cortada, flor tão bella.

D'alados Amorzinhos brando immenso,  
 Que seus divinos olhos acoitavão,  
 Vaga nos ares turbidos suspenso.

Risos fagueiros, Graças, que a adornavão,  
 Em que boca gentil, em que semblante,  
 O asylo encontrarão, que nella achavão!

Branda Marilia, tua sombra errante,  
 Por que razão não vem... Mas ah que digo?  
 Desculpa, Corydon, hum delirante.

Intentei consolar-te, ó terno amigo,  
 Mas augmento teus males com meu pranto;  
 Pois que seccar meu pranto não consigo.

Cheias as Musas de terror, e espanto,  
 Nas grutas do Parnaso se esconderão;  
 Pondo fim d'huma vez ao ledo canto.

E as Nymfas que no Téjo a conhecêrão,  
 De funereo Cypreste, e roxas flores  
 Cheiroso Mausoléo aqui lhe erguerão.

Correm a elle atónitos Pastores,  
 A recitar Cantigas maviosas,  
 Que excitão dentro n'alma acerbos dores;

Regado o tem de lagrimas saudosas,  
 Q' em memoria de suas faces bellas,  
 Tem produzido em torno frescas rosas.

A terna Rola lugubres querellas  
 Aqui vem espalhar amargamente,  
 A' frôxa luz das pállidas estrellas.

Tudo aqui Corydon he pranto ardente;  
 Com Marilia fugio nossa alegria,  
 Não ha prazer algum que nos contente;

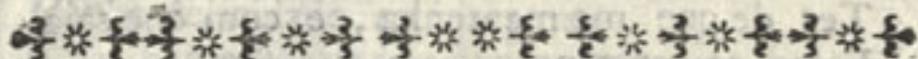
Prazer só a minha alma obter podia,  
 Se lá nesses retiros pavorosos  
 Comtigo lhe beijasse a Campa fria.

Mas baste de queixumes lastimosos;  
 Enxuga, Corydon, teus olhos tristes,  
 Pois sei que has de ter olhos lacrimosos.

Deixa o funesto sitio onde persistes,  
 Vem prantear comigo nestes prados,  
 Onde risonhos versos já me ouvistes.

E em tanto meus gemidos magoados  
 Aos teus ouvidos cheguem, conduzidos  
 Sobre as azas dos ventos socegados,  
 E por Ecco chorosa repetidos.





Ao Muito Reverendo Sr. P. M. Fr. João  
de S. Jacintho.

*Sabei que me levanta a esperança  
Ver que quem grita mais, mais importuna;  
Mas quem assim o faz que tudo alcança,  
Pois que vos fez o Ceo minha columna,  
Sustentai-me na ultima ruina,  
A que me tem levado a má fortuna.*

Bernardes Epist. XXX.

## EPISTOLA V.

**S**E eu podéra deixar de importunar-vos,  
De escrever-vos então não deixaria,  
Sempre fora, Senhor, cumprimentar-vos.

Mas vendo que a desgraça principia  
A perseguir-me em tão viçosa idade;  
Vou chorando implorar vossa valia,

Conheço quanto tendes de piedade,  
Por isso a vós retorro, e vos publico  
Minha extrema fatal necessidade.

Não desejo grandezas, nem ser rico;  
 Ter de que me mantenha, e com que saia,  
 Estas as esperanças com que fico.

Para o mal natureza não se ensaia;  
 A fragil mocidade aos vícios tende,  
 Prestai-me o vosso abrigo antes que eu caia.

Minha ventura só de vós depende;  
 Não me envergonho disso, a dependencia  
 Desde o Pastor até ao Rei se estende.

Usai, usai comigo de clemencia,  
 Tirai hum Orfão triste, e magoado  
 D'entre os mirrados braços da Indigencia;

Se aos Numes ha quem seja comparado,  
 He sem duvida aquelle que piedoso  
 Ampara o indigente, e o desgraçado.

Quem chega a ser no Mundo poderoso  
 Deve servir d'amparo, e grato abrigo,  
 A'quelle que nasceo mais desditoso.

Verdades puras são as que vos digo;  
 Mas ah que eu não devera relata-las!  
 Sois Ministro fiel da Lei que sigo.

Quando entrardes, Senhor, nas Régias Sallas,  
 Então vos lembre a minha desventura,  
 Soltai por mim piedoso activas fallas.

Minha felicidade está segura  
 Se fizeres a quem possa valer-me,  
 Da minha situação triste pintura.

Vêde que estou a risco de perder-me ;  
 A molle ociosidade he mái dos vícios ,  
 C'os filhos de tal mái não queirais ver-me ;

Livrai-me dos funestos precipícios ,  
 A que fugir não pôde hum desgraçado ,  
 Que nunca os Fados encontrou propícios.

Por vós espero ser affortunado ,  
 Por vós quebrar espero alegremente  
 Da indigencia o grilhão duro , e pezado.

Vêde se eu poderei viver contente ,  
 Tendo ante meus olhos sempre afflictas  
 Irmás , e Mái sem ter de que as sustente.

Cercão minha alma penas infinitas ;  
 E em vez de se abrandar minha desgraça  
 Cada vez crescem mais minhas desditas.

Juro , Senhor , que já não sei que faça ;  
 A aborrecer-me chega a propria vida ,  
 Pois teima em presequir-me a sorte escaça.

Quando virá a Aurora appetecida ,  
 Em que meus males consummados veja  
 Livre da negra fome desabrida.

Só vós podeis fazer que a negra Inveja,  
Sem me ver co' a pobreza confundido,  
A cauda hedionda remordendo esteja.

Mas se não for por vós favorecido,  
Da vida o resto passarei chorando,  
Triste consolação d'hum desvalido.

Nesse Memorial que ahi vos mando,  
Vereis o que pretendo, em vós confio,  
Hum despacho feliz fico esperando.

Não o lanceis no sonolento rio;  
Pedir por desgraçados he virtude,  
Quem vale a viciosos não tem brio.

Vossa benigna protecção me ajude  
Em ditoso prazer, e altiva gloria;  
Fazei que hum dia o meu penar se mude.

Se por vós alcançar esta victoria,  
Nunca mais a pezar do tempo irroso,  
Perderei vosso nome da memoria.

Vôará nos versos meus ao Ceo radioso,  
E ao som da minha Lyra em toda a parte  
Direi, que só por vós fui venturoso,  
Se a tanto me ajudar engenho, e arte. \*

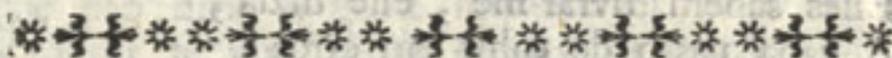


Que não diria a gente imparciavel  
Se obrar te vira assim errado, e louco?  
Diria que eras tal qual esse Zoilo,  
Por quem deixar nos queres seccamente;  
Pois s'elle foi ingrato em conspirar-se  
Contra o seu proprio amigo, e companheiro,  
Tu ingrato és tambem, pois que pertendes  
Deixar tantos amigos, tantos Socios,  
Que já mais em seus dias te offendêrão.  
Que não diria o mundo se observasse,  
Que sendo tu dos Socios primitivos,  
Que este Corpo a formar principiárão,  
E que tens augmentado a sua gloria  
Com assiduas fadigas litterarias,  
Tentavas hoje, o Nome teu manchando,  
Deixá-lo, e semear nelle a discordia,  
Que outro tempo com teus sonoros versos,  
Fugir fizeste da aprazivel margem  
Co crystallino Tejo em ferreo carro,  
Tirado por horriveis negros monstros,  
Té ao centro do Baratro profundo.  
Que não diria o mesmo teu contrario?  
Cheio de presumpção talvez dissesse,  
Que a tua retirada era receio  
De recitares versos junto a elle.  
Ah meu prezado amigo, eu te recordo,  
O que o grande Boileau, dizia destes:  
Dizia que mais util lhe era o odio,  
E a vil mordacidade d'impios Zoilos,  
Que os brandos versos seus calumniavão,  
Que seu fraco talento, a quem a França  
Continuamente dava mil louvores.

Elles sabem livrar-me , elle dizia ,  
 A cada passo de cahir em erros ,  
 E assim de seus malevolos furores ,  
 Venho sempre a tirar grande proveito ,  
 Cuidadoso evadindo as minhas faltas.

Eis-aqui , meu Belmiro , o que tu debes  
 Obrar tão bem como prudente , e sabio ;  
 Deixa embora rosnar Zoilos malditos ,  
 Deixa chover mil Sátyras infames ,  
 Que a justa imparcial posteridade ,  
 Lerá os versos teus cheia de assombro ;  
 E em vez de abandonar a nossa Arcadia ;  
 Como ingrato Belmiro projectavas ,  
 De mãos dadas c'os seus fieis Alumnos ,  
 Que te estimão , que te amão , que te adorão ;  
 Faze tu que ella venha a ser olhada ,  
 Com assombro dos Póvos do Universo.





## TEMPLO DA MORTE.

### I.

**H**A junto da Estyge fria  
 Hum Valle espesso, e medonho,  
 Onde só d'aves sinistras  
 Se escuta o canto tristonho.

### II.

Todos os campos visinhos  
 De cadaveres juncados,  
 São por mil turvos ribeiros  
 De negro sangue regados.

### III.

Em vez de grato murmurio,  
 Nestes lugubres retiros,  
 Se escutão continuamente  
 Mil dolorosos suspiros.

### IV.

## IV.

Destes horridos desertos  
 No centro frio, e profundo,  
 Hum Templo vasto, e sombrio  
 Ha desde a infancia do Mundo.

## V.

Quatro bronzeadas portas  
 Serventia ao Templo dão,  
 E as columnas que o rodêão  
 De negro mármore são.

## VI.

Funeréas, pállidas tóchas  
 Aqui ardem a milhares,  
 Cujo hórridos vapôres  
 Tóldão os frigidis ares.

## VII.

Hum cégo Monstro implacavel,  
 Que quanto existe devora,  
 He a austera Divindade,  
 Que neste Templo se adora.

## VIII.

Chama-se a Morte; e se estende  
 Seu cruel, barbaro imperio,  
 Em tudo quanto respira  
 Em hum, e outro hemisferio.

## IX.

Por Decreto do Destino  
 As suas Aras sagradas  
 De fresco, fumante sangue  
 Estão sempre rociadas.

## X.

A enregelada Velhice,  
 A Febre, e Dores mortaes,  
 São deste asylo da Parca,  
 Impios Ministros fataes.

## XI.

Aqui vem em multidão,  
 E debaixo de iguaes Leis,  
 Os mais humildes vassallos,  
 Os Poderosos, e os Rets.

## XII.

Aqui he que o triste Alcino,  
 Cheio de mágoa, e furor,  
 Corria a finalizar  
 Sua incomparavel dor.

## XIII.

Ante os Altares prostrado  
 Onde a Morte residia,  
 Banhado em lagrimas tristes,  
 Estas queixas proferia.

## XIV.

Tu, sevéra Divindade;  
 Em cuja mão descarnada  
 Os mortaes tremendo observão,  
 Sempre a curva foice alçada.

## XV.

Tu, que exceptuar não sabes  
 De teus golpes furiosos,  
 Nem formosura celeste,  
 Nem Monarcas poderosos.

## XVI.

Tu que sobre tudo imperas,  
 E de quem vem a milhares,  
 Dos miseraveis humanos  
 Ensanguentar mãos, e altares.

## XVII.

Piedosos ouvidos presta  
 A's queixas de hum desgraçado,  
 Que o mesmo auxilio te implora,  
 Que a tanto infeliz tens dado.

## XVIII.

Eu não pretendo existir,  
 Nem quero alongar meus dias,  
 Porque os momentos que existo,  
 São momentos de agonias.

## XIX.

Meus votos são de morrer,  
 E occultar a toda a terra,  
 Huma alma triste a que os Fados  
 Declararão dura guerra.

## XX.

Este he o unico conforto,  
 Que nos meus males espero,  
 Só assim terão allivio,  
 As afflicções que tolero.

## XXI.

Muitas ha que inda esquecidos  
 Do indispensavel tributo,  
 Entre mil prazeres colhem  
 Da vida instavel o fructo.

## XXII.

Entre momentaneas ditas  
 Do eterno prazer se esquecem,  
 E ao teu Altar arrastados  
 A sua gloria ennegrecem.

## XXIII.

Este altar, onde os Heróes  
 Dão a vida em Sacrificio,  
 Para estupidos viventes,  
 Não he altar, he Suplicio.

## XXIV.

Mas longe, ó Deosa d'Alcino,  
 Longe pensamentos taes,  
 Anhefa esta alma por ver-se  
 Nas frias margens Lethaes.

## XXV.

Esse ferro nunca enxuto  
 Do sangue da humanidade,  
 Estes palpitanes corpos,  
 Que inda implorão piedade.

## XXVI.

Este murmurio confuso,  
 Esta confusa carnagem,  
 Não fazem, não que esmoreça  
 Minha insólita coragem.

## XXVII.

Folgarei ao ver vibrar  
 Contra mim teu ferro agudo,  
 Ferro horrivel, que arruina,  
 Destróe, e avassalla tudo.

## XXVIII.

Meus olhos serão sem pranto ,  
 E o corpo sem convulsão ,  
 Sem tristes queixas a boca ,  
 Em socego o coração.

## XXIX.

Em fim , ó Deosa , eu te exponho  
 A origem dos meus pezares :  
 Vê se o refugio mereço ,  
 Que procuro em teus Altares.

## XXX.

Entre as immensas bellezas ,  
 Dos mortaes perigoso enleio ,  
 Que Lysia , a famosa Lysia ,  
 Encerra em seu vasto seio.

## XXXI.

Lilia engraçada , e formosa ,  
 Com seus olhos começava  
 A deixar d'amor rendido ,  
 Quem mais livre se julgava.

## XXXII.

Que eu neste número entrasse,  
 Quiz a céga Divindade;  
 Quiz que eu Lilia bella visse,  
 E perdesse a liberdade.

## XXXIII.

A penas seu rosto observo,  
 Meo coração lhe dedico,  
 Por que só com ver seu rosto,  
 D' amores perdido fico.

## XXXIV.

Ao ver-me, Lilia de pejo  
 Cobrio as faces de rosas,  
 E eu então lhe humedeci  
 De pranto as mãos melindrosas.

## XXXV.

Entre mil ternos amantes  
 Invejosos desta gloria,  
 Só Lilia, ó Ceos, me achou digno  
 De ceder-me esta victoria.

## XXXVI.

Minha ternura lhe agrada,  
 E este meu peito inflamado  
 Não adora longo tempo,  
 Sem ser também adorado.

## XXXVII.

Sua frieza se extingue  
 A' força do meu ardor,  
 E mutuamente se observão  
 Sinceras prôvas d' amor.

## XXXVIII.

Se eu entre crueis transportes  
 Ternos suspiros soltava,  
 Também Lilia ao meu exemplo  
 De ternura suspirava.

## XXXIX.

Se os meus olhos derramavão  
 Ternas lagrimas ardentes,  
 Voltendo os meus aos seus olhos,  
 Via em seus olhos correntes.

## XL.

Por effeito , em fim d'amor ,  
 Nossos ternos corações ,  
 Ignaes transportes sentião ,  
 Tinhão as mesmas paixões.

## XLI.

Já mais a encontrei prejura ,  
 Cousa rara entre as mulheres ,  
 Que mil desgostot misturão ,  
 Entre amorosos prazeres.

## XLII.

Tão ditoso em fim eu era ,  
 Que saber não conhecia ,  
 Outras paixões , que não fossem  
 Ternura , Amor , e alegria.

## XLIII.

O mesmo Ceo que me dera  
 Ventura tão elevada ,  
 Invejava a minha gloria  
 Nos braços da minha amada.

## XLIV.

Mas ai de mim tanta dia,  
 Que entre suspiros te exponho,  
 Mais breve passou, que passa  
 Ligeiro, agradavel sonho.

## XLV.

Sua existencia foi qual  
 Do relampago a luz bella,  
 Que parece torna em dia  
 Noite de hórrida porcella.

## XLVI.

Sua luz rápida, e triste  
 Sim átras sombras desfaz,  
 Mas lá vem com ella o raio,  
 Que a morte ás vezes nos traz.

## XLVII.

Inda mal gostado eu tinha  
 Os prazeres saborosos,  
 Com que Amor pagar queria,  
 Meus disveles amorosos.

## XLVIII.

Quando a pállida Doença  
 Lá do Baratro inflammado  
 Surge, e ataca o lindo Objecto,  
 Emprego do meu cuidado.

## XLIX.

Eis Lilia, Lilia formosa  
 A' sua força rendida,  
 Os claros membros convulsos,  
 Do semblante a côr perdida.

## L.

Murchão de seu lindo rosto  
 Os alvos jasmims, as rosas,  
 Que a natureza pintára  
 Com habeis mãos melindrosas.

## LI.

Seus olhos, cuja luz pura  
 Esta alma abrazára tanto,  
 Já claros raios não vibrão,  
 Vertem só amargo pranto.

## LII.

A rubra, mimosa boca,  
 Que a mil suspirar fizera,  
 Com ternos ais não explica,  
 O mal que Lilia tolera.

## LIII.

Huma constancia não vista,  
 Huma paixão singular,  
 A' enferma Lilia impedem  
 O allivio de se queixar.

## LIV.

Ella occulta os seus gemidos  
 No centro do coração,  
 Por não agumentar com elles  
 Meu temor, minha afflicção.

## LV.

Más o seu mal vai crescendo,  
 Sua rara constancia a deixa,  
 E de seus labios mimosos  
 Lhe escapa sentida queixa.

## LVI.

A Febre orgulhosa , e altiva ,  
 De Lilia o sangue inflammando  
 Nelle o voraz facho accende ,  
 Que ao Sepulcro a vai guiando.

## LVII.

Lilia então vendo , que a Morte  
 Nosso amor findar queria ,  
 Sentindo já nos seus olhos  
 Ir faltando a luz do dia.

## LVIII.

Alçando a trémula mão  
 Me chama junto a seu leito ,  
 E entre pranto estas palavras  
 Arrancou do infausto peito.

## LIX.

Ah triste , infeliz Alcino !  
 Prenda desta alma a mais cara !  
 He nesta hora infausta , e triste  
 Que o valor me desampara.

## LX.

Perco-te , Alcino , e tu perdês  
 Huma infeliz , que te amava ;  
 E que só viver queria ,  
 Por que a ti se consagrava.

## LXI.

Mas a dura lei , que póde  
 Meus tristes dias cortar ,  
 Não poderá , não teu nome ,  
 Desta minha alma arrancar.

## LXII.

Sim , a despeito da Morte ,  
 E do meu Fado cruento ,  
 Elle passará comigo  
 O rio do esquecimento.

## LXIII.

Já não tenho que esperar ;  
 E quanto erra quem discorre ,  
 Que seja em nós a esperança  
 A extrema cousa que morre.

## LXIV.

Eu já não tenho esperanças,  
 Que as perca manda o Destino;  
 Eu morro, ó Ceos, e morrendo  
 Não deixo de amar-te, Alcino.

## LXV.

As forças me desamparão,  
 Mas não minha fé activa,  
 A luz dos olhos se apaga,  
 E a minha fé mais se aviva.

## LXVI.

Alcino, ó Ceos! eu te perco,  
 Eu te perco, ó Ceos, que dôr!  
 Sim eu perco o meu amante,  
 Mas não perco o meu amor.

## LXVII.

Os suspiros que exhalou  
 Com estas ultimas vozes,  
 Como globos inflammados  
 Ao Ceo se elevão velozes.

## LXVIII.

Lilia sem voz, sem alentos,  
 Cahe em meus trémulos braços;  
 E eu vi espirar aquella,  
 Que me urdio tão doces laços.

## LXIX.

Tu, oh Parca inexoravel,  
 Que o fio de oiro cortaste,  
 Porque tambem sobre Alcino  
 Teus golpes não desfechaste?

## LXX.

Então me torno furioso,  
 Fujo aos homens, fujo á terra,  
 Porque tudo me declara,  
 Sanguinosa, e crua guerra.

## LXXI.

Invoco os Ceos, e blasfemo;  
 E em tão grande variedade  
 Confundo mil sacrilegios,  
 Com mil acções de piedade.

## LXXII.

Deosa, tu que só conheces  
 A fundo minha afflicção;  
 E que tens attenta ouvido  
 Esta infausta narração:

## LXXIII.

Poupa meus ais, e meus prantos,  
 Ergue a foice desabrida,  
 Faze que eu fique aqui mesmo  
 Ante estas Aras sem vida.

## LXXIV.

Meus votos são de justiça,  
 Minhas súplicas sublimes,  
 Nem eu já posso existir  
 Sem commetter negros crimes.

## LXXV.

Vem, ó unica esperança  
 De hum amante infortunado,  
 Que acerbos penas supporta,  
 Ausente do bem amado.

## \*+\*+\*+\*+\* LXXVI. \*+\*+\*+\*+\*

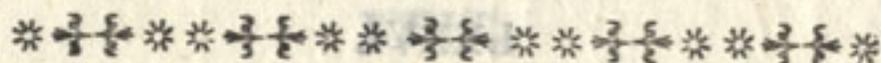
Callou-se o infeliz, e á Morte  
 Das mãos o ferro arrancando,  
 Que fresco sangue de Lilia  
 Inda estava gotejando.

## LXXVII.

Sobre elle arremeça o peito,  
 Golfa o sangue da ferida,  
 Torce ao Ceo os frôxos olhos,  
 Lilia invoca, e perde a vida.

## LXXVIII.

Sua Alma aos Elysios vôa,  
 E nesta feliz morada,  
 Eterna paz já disfruta  
 Ao lado da sua Amada.



## DEFINIÇÃO D'AMOR.

### QUADRAS.

I. I. I. I.

**F**ormosa engraçada Lilia,  
 Cheio d'hum frio temor,  
 Vou definir-te em mãos versos  
 Isto que chamão Amor.

II. II. II. II.

Que assim o cumpra me ordenas;  
 E os teus preceitos, Senhora,  
 Não deve cumprir remisso  
 Hum escravo, que te adora.

### III.

Mas justamente eu receio  
 Tua acerba indignação,  
 Por não traçar o elogio  
 Da terna amante paixão.

## IV.

Temo tão bem que Amor vibre  
 Contra mim sétas a molhos,  
 Quando tu, Lilia, me olhares,  
 Por que Amor vive em teus olhos.

## V.

Temo que o mundo me faça  
 Dura guerra sanguinosa,  
 Por que todo o mundo segue  
 D'Amor a lei rigorosa.

## VI.

Temo-me, ó Lilia, a mim mesmo,  
 Vacilla escrevendo a mão,  
 Porque eu escrevo o contrario  
 Do que sente o coração.

## VII.

Mas a sã Filosofia,  
 Dos homens Mestra divina,  
 Contra os proprios sentimentos,  
 Que assim discorra me ensina.

## VIII.

Amor quando he virtuoso ,  
 He hum desejó efficaz  
 Do que aos humanos he util ;  
 Males comsigo não traz.

## IX.

Mas , Lilia , formosa Lilia ,  
 Não he deste Amor , que eu trato ,  
 Nem he deste que tu queres  
 Ver por mim feito o retrato.

## X.

O cruel Amor que eu pinto ,  
 He huma Paixáo tyranna ,  
 Que sem nascer da Virtude ,  
 Co' a propria Virtude engana.

## XI.

He huma Paixáo roedora ,  
 Que em si mil paixões encerra ,  
 As mais funestas , mais tristes ,  
 Que tem produzido a terra.

## XII.

## XII.

He mal acerbo, e violento,  
 Que a todos traz descontentes,  
 E que em desejos abraza  
 As almas mais innocentes.

## XIII.

Quem ama, do objecto amado  
 Entrega á disposição  
 A doce paz, a alegria,  
 Do sensível coração.

## XIV.

Em tudo perde quem ama  
 A estimavel liberdade,  
 Da alma captiva as potencias,  
 Memoria, Siso, e Vontade.

## XV.

Quem ama não se recorda,  
 Mais que da Prenda adorada,  
 Nada mais tem na lembrança,  
 Nunca lhe lembra mais nada.

## XVI.

Foge á luz dos olhos seus,  
 A clara luz da razão,  
 Julga que acerta seguindo,  
 Os impulsos da paixão.

## XVII.

Vontade não a desfruta,  
 Quem tem preza a liberdade;  
 Quem não cumpre o que deseja  
 De que lhe serve a vontade?

## XVIII.

Mas estes males, ó Lília,  
 Não são ainda os maiores,  
 Que d'amor a paixão cega,  
 Produz effeitos peiores.

## XIX.

{ A Ira, o Odio, a Vingança,  
 A torpe Inveja, o Temor,  
 São paixões, que traz consigo,  
 A cruel paixão d'Amor.

## XX.

Quem ama sem que receie  
 Ver perdido o bem amado?  
 Quem não se abraza d'inveja,  
 Se o vê por outrem logrado?

## XXI.

Segue-se á Inveja a Ira,  
 A' Ira segue a Vingança,  
 Que do rival sobre o sangue  
 Só se farta, e só descança.

## XXII.

Destas horriveis paixões,  
 Se compõem outra peor,  
 A mais barbara de todas,  
 O Ciume abrazador.

## XXIII.

Mas Lilia, em silencio eu fico,  
 Pois julgo ouvir-te clamar,  
 Que nada vale o que digo,  
 Que he melhor que tudo amar.

## XXIV.

Que he verdade , que Amor faz  
 Acerbas penas soffrer ,  
 Mas que a travéz 'destes males  
 Nos guia ao maior prazer.

## XXV.

Porém , Ceos ! eu me horrorizo  
 Ao fazer discursos taes ,  
 Eis-aqui como se illudem  
 Os miseraveis mortaes.

## XXVI.

He certo que os fins d'Amor  
 Divinos prazeres são ,  
 Mas tem seus prazeres todos  
 Momentanea duração.

## XXVII.

Bem como as viçosas flores ,  
 Que na terra estão plantadas ,  
 Mas que desbotáo , que murcháo ,  
 Apenas são arrancadas.

## XXVIII.

Assim d'Amor os prazeres,  
 Em quanto não são logrados,  
 Com fervorosos desejos  
 São por todos suspirados.

## XXIX.

Mas se acaso chega o dia;  
 Em que elles se facilitão,  
 Logo os prazeres se extinguem,  
 D'alma as paixões não se agitão.

## XXX.

Insipida languidez,  
 Que as côres furta ao semblante,  
 Segue por fim ao sepulcro  
 Hum triste, infeliz amante.

## XXXI.

Eis-aqui, Lilia formosa,  
 Como eu te defino Amor;  
 Não julgues que assim to pinto,  
 Por que lhe tenhas horror.

XXXII.

He verdade quanto explico,  
Consulta a tua razão,  
Mas se verdade tu queres  
Não oiças teu coração.

XXXIII.

Vê que a fragil natureza  
Faz com amor sociedade,  
Mostra ao principio virtude,  
Mas no fim perversidade.

XXXIV.

'As paixões que em nós se agitação  
He necessario conter,  
Pois nem sempre a Natureza  
Inspira o que deve ser.

XXXV.

Tenho em fim, Lilia, cumprido,  
Teus desejos fervorosos,  
D'Amor mostrando quaes sejam  
Os progressos lastimosos.

## XXXVI.

Em gostosa liberdade  
 Vive pois perpetuamente,  
 Que não ha nada no mundo,  
 Que lhe seja equivalente.





## M O T E.

*Ainda depois de morto*  
*Debaixo do frio chão,*  
*Acharás teu Nome escrito*  
*No meu terno coração.*

## G L O S A.

I.

**M**arília, vamos ao Templo  
 Do cégo Irmão do Ciúme,  
 Juremos no Sacro lume  
 Ser dos Amantes exemplo.  
 A paixão que em ti contemplo,  
 A' minha alma dá conforto;  
 Nem teu peito fique absorto,  
 Vendo que eu juro constante  
 Dar-te mil provas d'amante,  
*Ainda depois de morto.*

II.

## II.

A pezar da Morte impia,  
 Que o mais puro Amor desfaz,  
 De mim não te apartarás,  
 Quando eu for á terra fria.  
 Da esquentada fantasia  
 Não julgues ser illusão,  
 Pois meu fiel coração  
 Arquivo do teu agrado,  
 Aos bichos será vedado,  
*Debaixo do frio chão.*

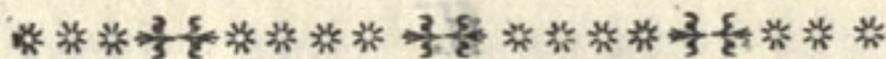
## III.

Sim por Decreto da Sorte,  
 Para exemplo dos humanos,  
 Serei isento dos damnos,  
 Que origina a fria Morte.  
 Deste nosso amor tão forte,  
 Amor sem mancha, ou delicto,  
 Hum testemunho infinito  
 Hei de meu bem produzir,  
 Na Campa que me cobrir  
*Acharás teu Nome escrito.*

## IV.

Mas, justos Ceos, que loucura!  
 Teu doce Nome adorado,  
 Hei de expôr a ser pizado  
 Sobre a minha sepultura?  
 Não meu bem, minha ternura,  
 Minha justa gratidão,  
 Mais alta vénéração  
 Dá ao teu Nome querido,  
 Só o verás esculpido  
 No meu terho coração.





## M O T E.

*Embalou-me o infausto berço  
A negra Melancolia,  
E jurou seguir meus passos,  
Té levar-me á campa fria.*

## G L O S A.

## I.

**N**O triste alvêrgue da Morte  
Entrei hum dia gemendo,  
E amargo pranto vertendo,  
Lhe peço meus dias córte :  
Finda o mal tyranno, e forte,  
(Lhe digo) em que ando submerso,  
Mudança meu fado adverso  
Já não espero que faça,  
Que a macilenta Desgraça  
*Embalou-me o infausto berço.*

## \* \* \* \* \* II. \* \* \* \* \*

Tu, cruel, que has declarado  
 Aos tristes humanos guerra,  
 Faze que fique hoje a terra  
 Com menos hum desgraçado.  
 Ergue o braço descarnado,  
 Descarrega a foice impia,  
 E verás como á porta  
 Vôa de meu peito aos ares,  
 Entre milhões de pezares  
*A negra Melancolia.*

## III.

Desta arte, ó Ceos! me queixava  
 Quando hum Espectro horroroso  
 Do Averno surge furioso,  
 E assim á Morte exclamava:  
 Em vão Alcino tentava  
 Da vida romper os laços;  
 Viva d'afflicção nos braços,  
 Que assim o destina a Sorte:  
 Nisto quebra a foice á Morte,  
*E juro seguir meus passos.*

## IV.

Gélo d'horror , e afflicção ,  
 Escutando a voz terrivel ;  
 E ao ver que este Espectro horrivel ,  
 Era a Desesperação.  
 Exclamou de novo então  
 O feio Espectro , que havia  
 Fomentar minha agonia ,  
 E meus pezares cruentos  
 Té aos meus finaes momentos ,  
*Té levar-me á Campa fria.*



\* 3 2 \* \* 3 2 \* \* 3 2 \* \* 3 2 \* \* 3 2 \*

## M O T E.

*Cruel, quem te disse a ti  
 A minha amante paixão?  
 Deixa vbar meus suspiros,  
 Sem indagar a razão.*

## G L O S A.

## I.

**P**Or me ouvires suspirar,  
 Me chamas, Lilia, indiscreto?  
 Sem saber do meu affecto  
 A origem particular?  
 Se a côr me viste mudar  
 No momento em que te vi,  
 Eu, Lilia, não te exprimi,  
 Nem meu amor, nem meus zelos;  
 E a causa dos meus desvélos  
*Cruel, quem te disse a ti?*

## II.

Quem te explicou meu ardor?  
 Se as paixões não tem sinais,  
 Quem te disse que os meus ais  
 Imploravão teu favor?  
 Mas occultar meu amor  
 Eu pertendo, ó Lilia, em vão,  
 Que a doce perturbação,  
 Com que eu a furto te olhava,  
 Mudamente publicava  
*A minha amante paixão.*

## III.

Mas, Lilia, se me deixares,  
 Armando-te de esquivaça,  
 Contra ti clamar vingança  
 Irei de Gnido aos Altares.  
 Dos teus olhos singulares  
 Me dispara Amor seus tiros;  
 Não embaraces os gyros,  
 Que os meus ais fazendo vão,  
 Em torno ao teu coração  
*Deixa voar meus suspiros.*

## IV.

Se julgas , Lilia , ser crime  
 Compensar hum puro affecto ,  
 Vê que he falso esse projecto ,  
 Que de amar ninguem se exime.  
 Amor de si he sublime ,  
 Só he vil a ingratição ,  
 Ah não uses della , não ,  
 Teme as altas Divindades ,  
 Vê que Amor une as vontades  
*Sem indagar a razão.*





## II.

He alma da vida Amor,  
 Tudo por Amor existe,  
 Ah Lilia, e quem lhe resiste,  
 Resiste á dita maior.  
 Por elle a viçosa flor  
 Enche os prados da belleza,  
 Tudo quanto a redondeza  
 Em seu vasto seio encerra,  
 Produz Amor, que he na terra  
*Coração da Natureza.*

## III.

E ainda, ó Lilia, te eximes  
 Da terna amante paixão?  
 Furtas inda o coração  
 D'Amor aos suaves crimes?  
 Se por systema reprimes,  
 Quanto inspira a Natureza,  
 Vê que Amor pune, e despreza,  
 Quem lhe pertende usurpar  
 O sublime, o singular,  
*Doce imperio da belleza.*

## IV.

Falsas idéas, eu juro  
 Formas, ó Lilia, d'Amor;  
 Pensas que he Nume traidor,  
 Tyranno, feroz, e impuro:  
 Não, ó Lilia, eu te figuro,  
 Isto que Amor se appellida,  
 Ser Nume he cousa fingida,  
 Segundo a razão ordena,  
 Não he mais que huma pequena  
*Porção d'alma desunida.*

F I M.

En vez de nos servir  
de amigos queridos.

Por hum pouco em mim os olhos  
Vias estas tres dores;  
Sempre lutando entre os colhos,  
Vos os mais colheitas dores,  
Eu por todos como irmãos.

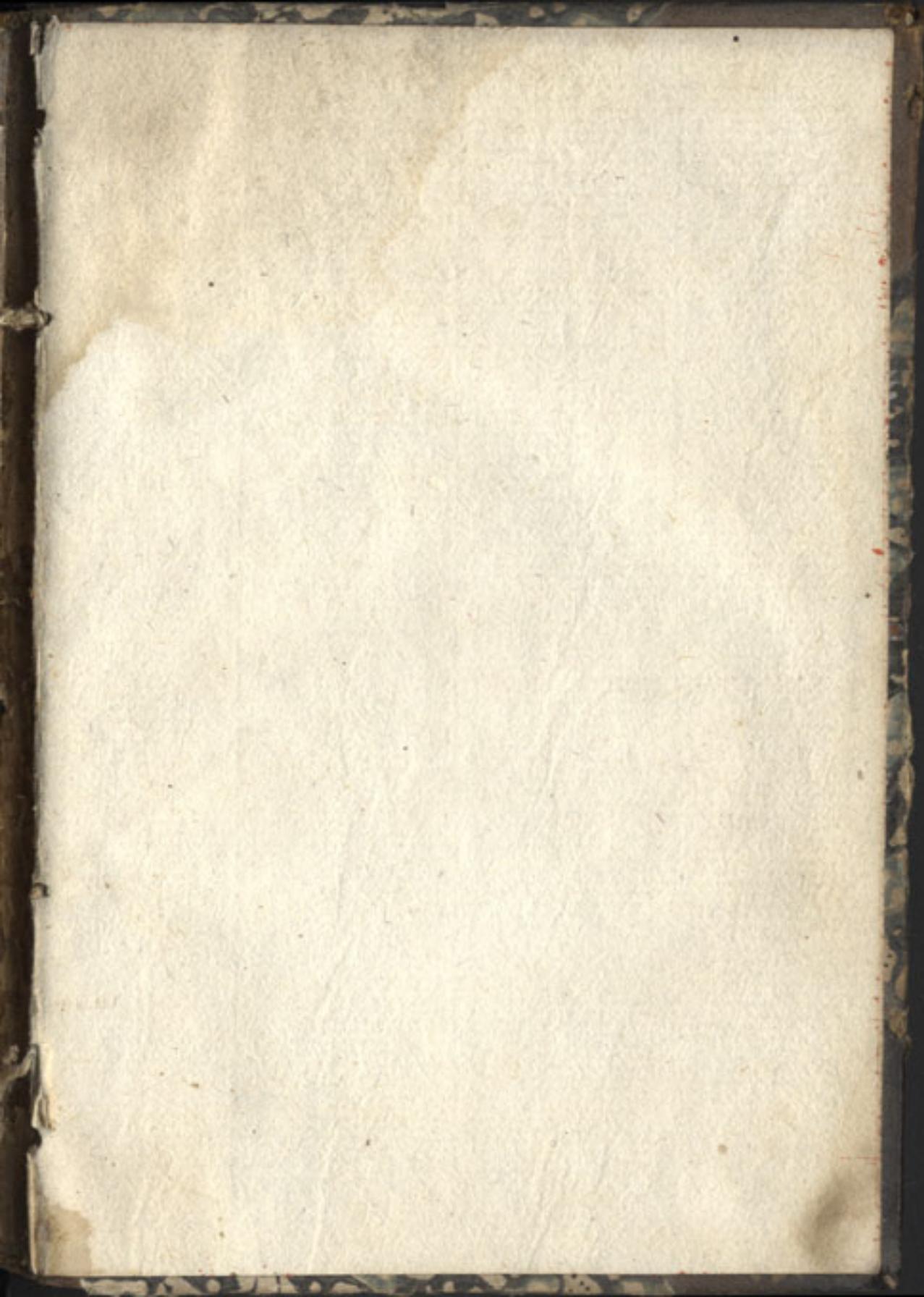
Se não me mandarem do Tejo  
Alimento e refugio,  
Fans formos de lobo o;  
E a vida liberal não  
Sustentar seu desejo.

Este Acric não, que digo  
Pois vivo nos mizes d'esp'ho,  
E que salvas as ao perigo,  
Nã desgracia meu conselho,  
Pois he conselho de amigo.

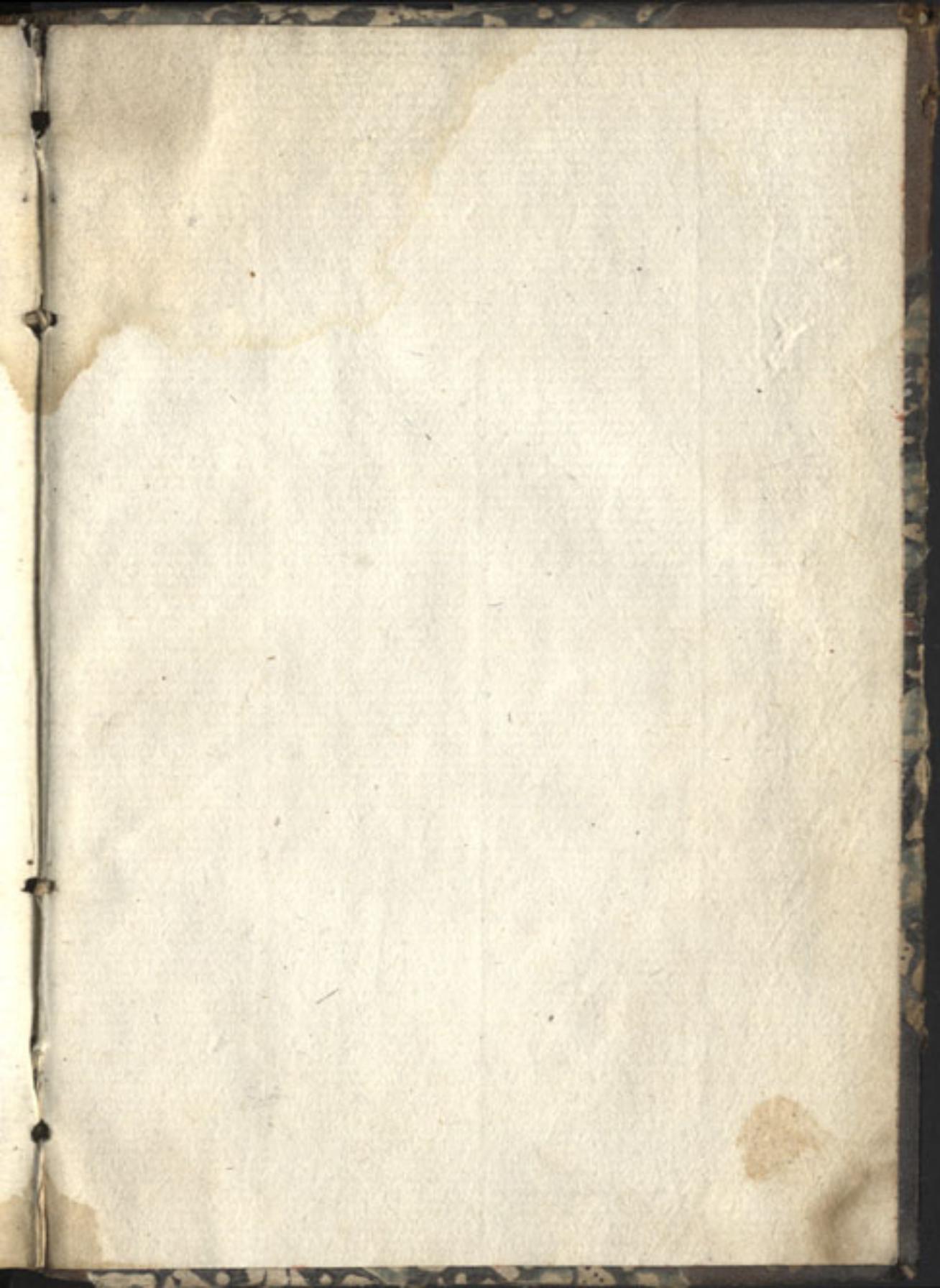
Nã mais dixer queira,  
Quando ouvi voz d'Albano,  
Que com grande tristia  
Me chama a salutar o dano,  
Que a meu lado hom' Logo meira.

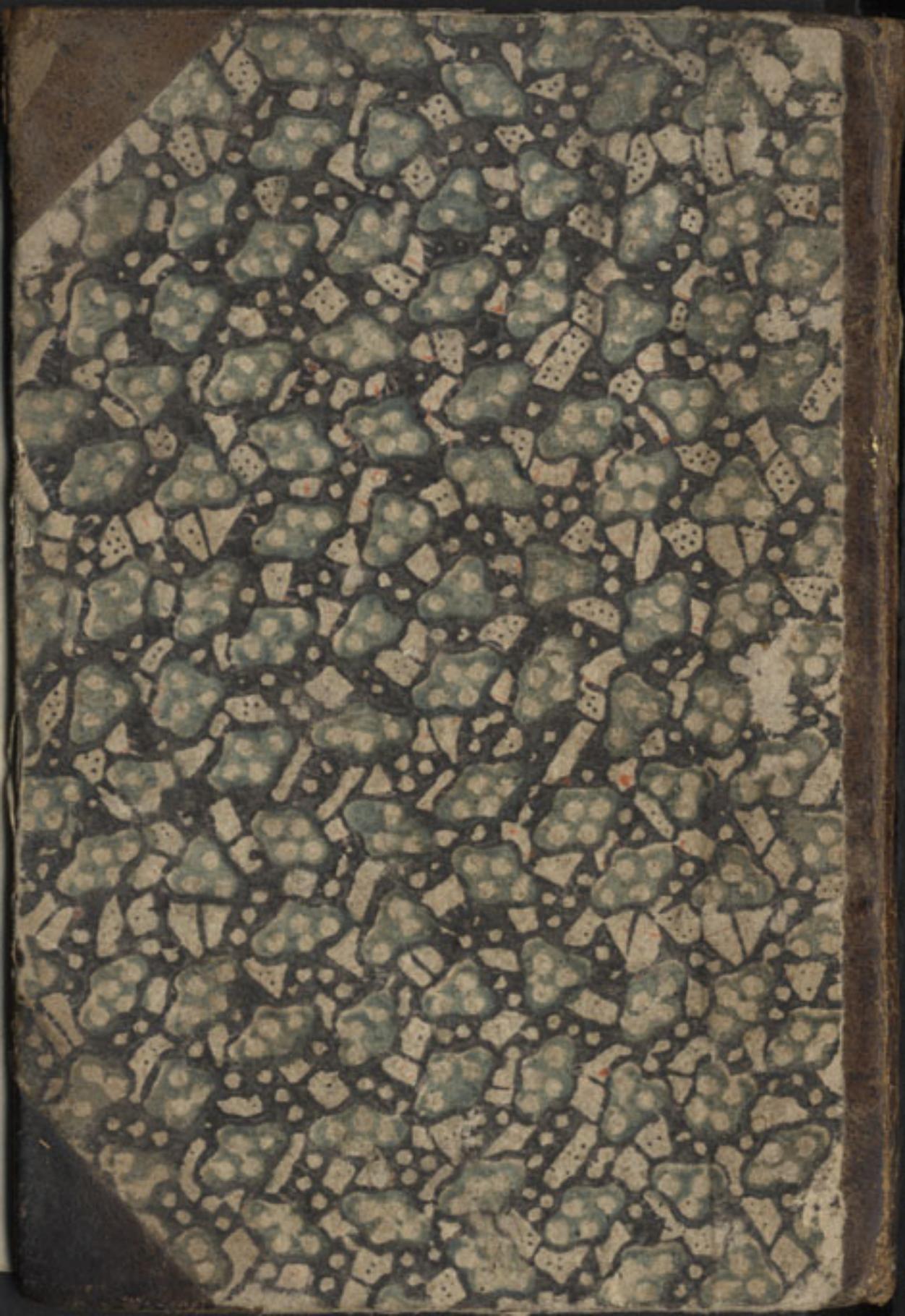
Por ocello imaginado  
Sem poder dar mais passiva,  
Dizer Acric, e voz de gado  
Achar o mal, e sub-lava  
No conselho imaginado.





300  
200  
500





THE UNIVERSITY OF CHICAGO

JOHN CHURCH

POWERS

DECEMBER

1891

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

JOHN CHURCH

THE UNIVERSITY OF CHICAGO